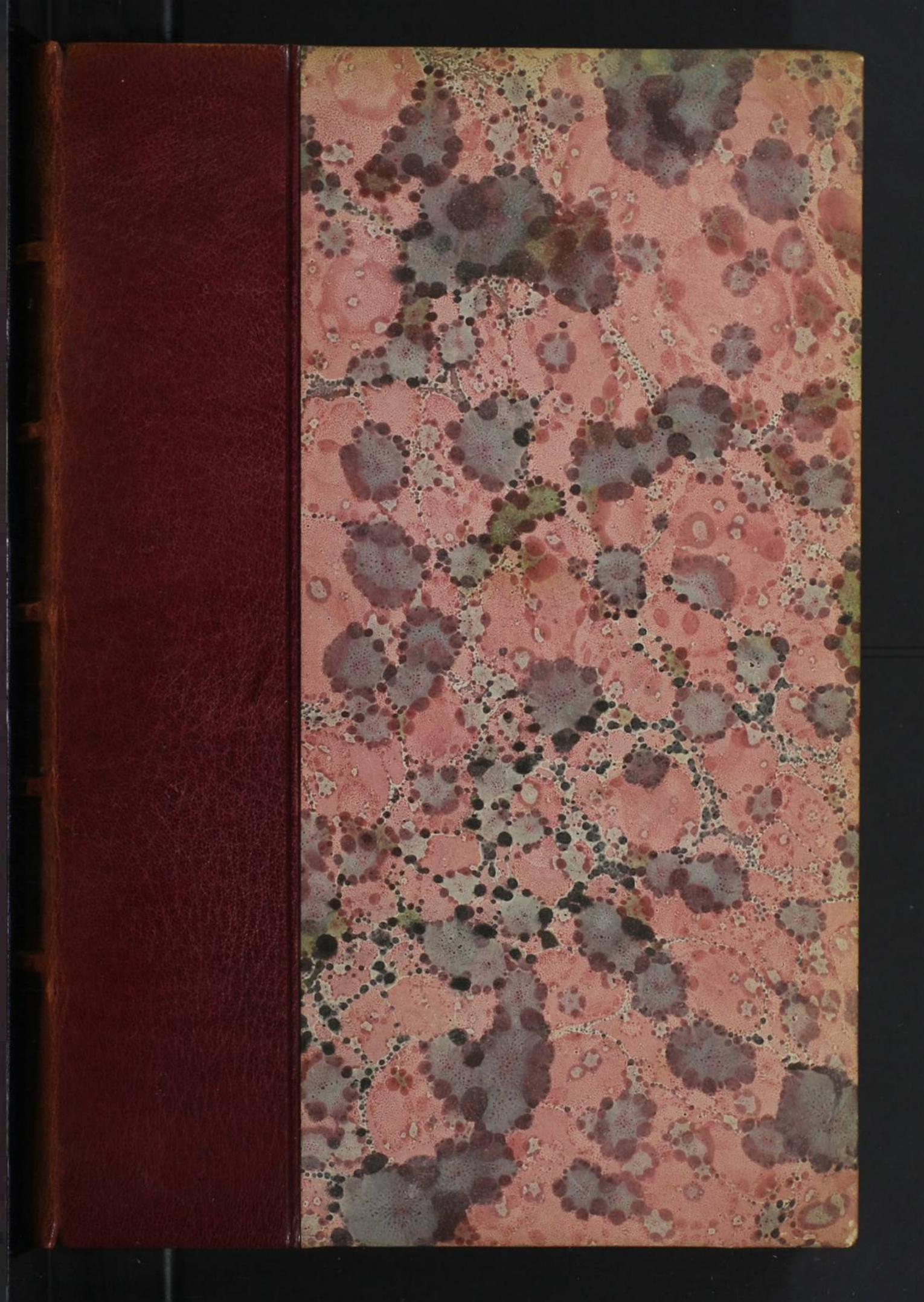
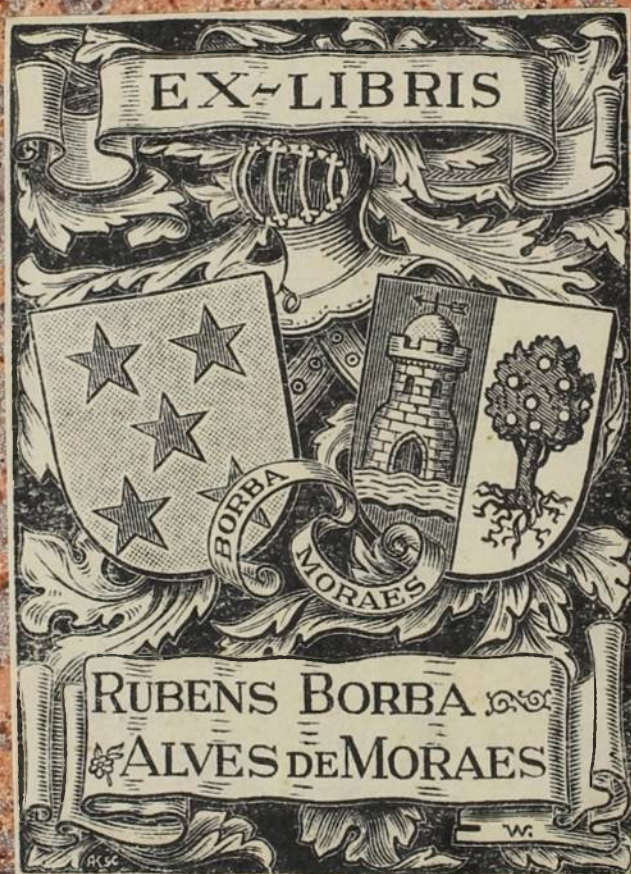
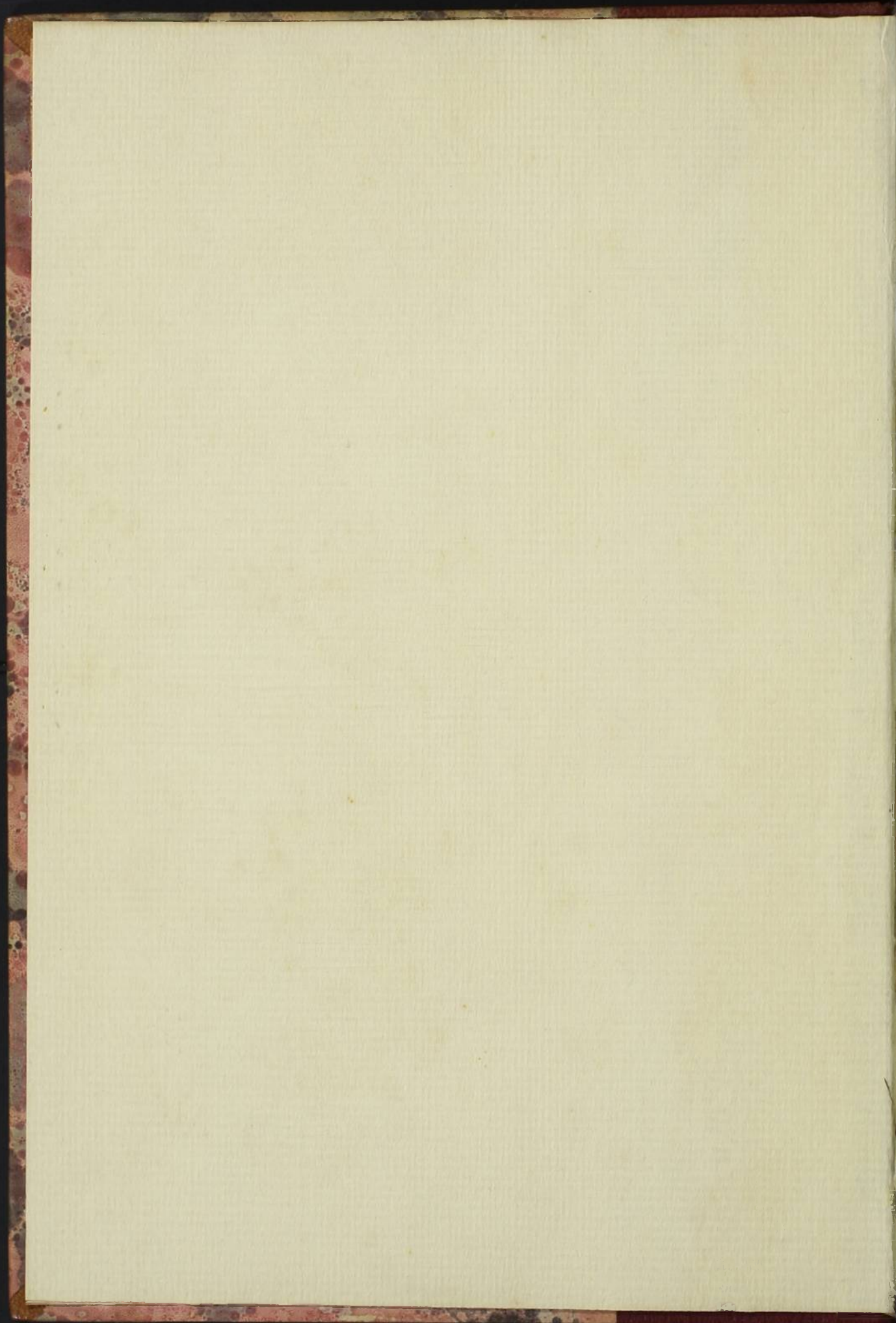
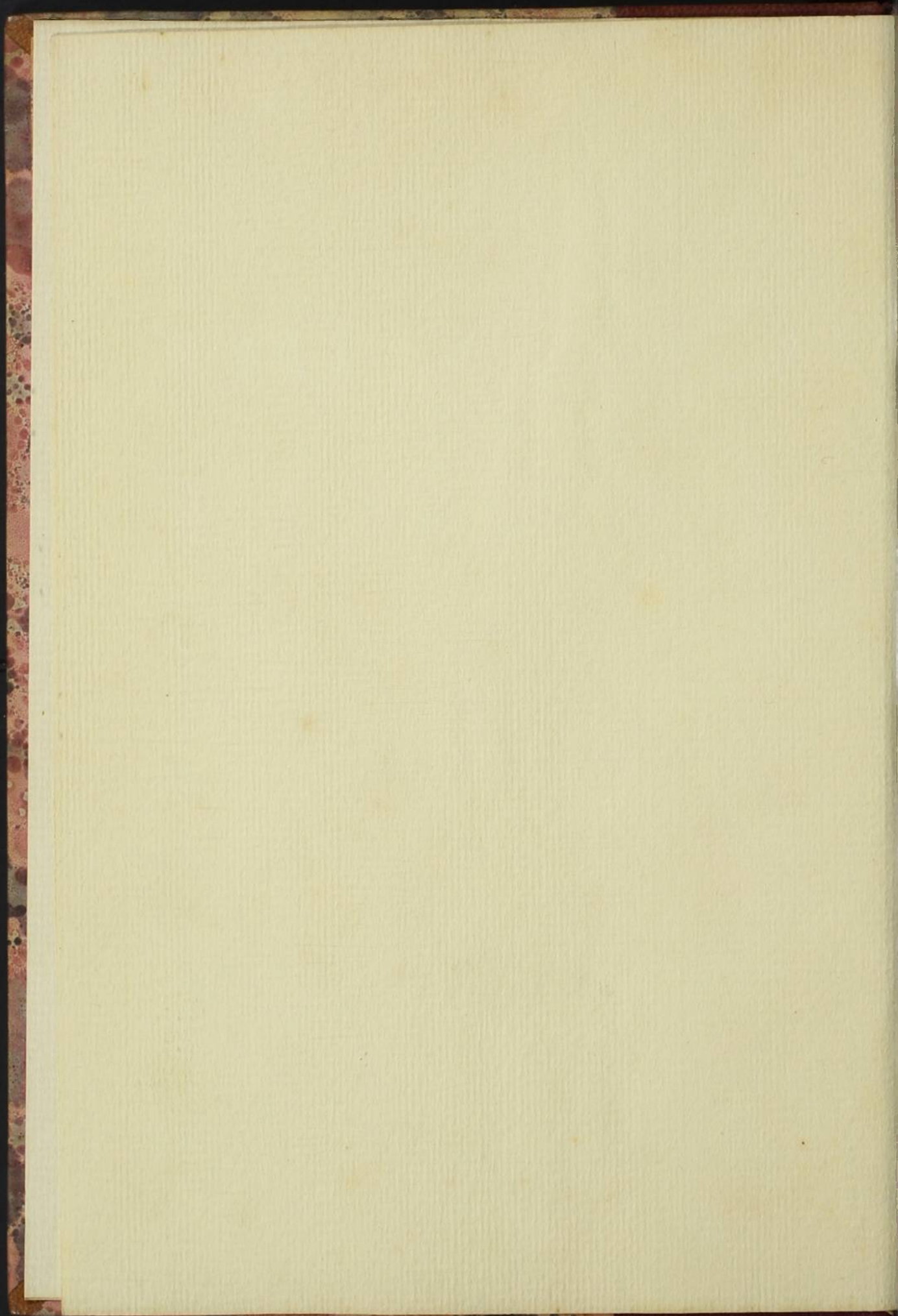










MARIO DE ANDRADE

CLAN DO JABOTÍ

P O E S I A

:: 1927 ::

S. PAULO

908

1880

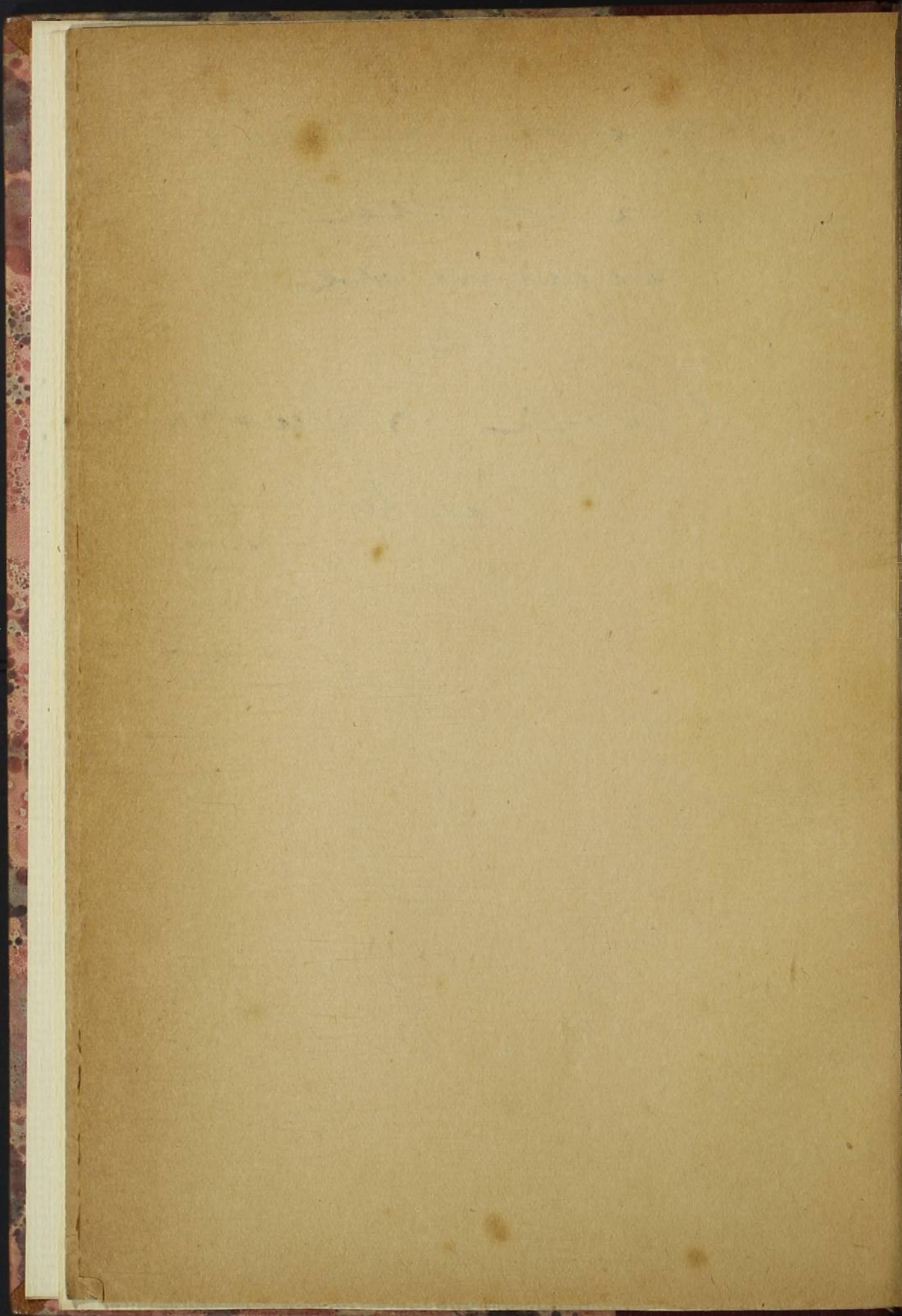
1880
1881
1882
1883
1884
1885
1886
1887
1888
1889
1890
1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900

A
Rubens de Moraes,
com a "velha"
amizade
do

Marin e Frederico

S. Paulo 13/
x 11

27



MARIO DE ANDRADE

Clan do Jabotí

POESIA

1927

São Paulo

DO AUTOR:

Ha uma Gota de Sangue em cada Poema — 1917
— (poesia)

Paulicea Desvairada — 1922 — (poesia)

A Escrava que não é Isaura — 1925 — (poetica)

Losango Cáqui — 1926 — (lirismo)

Primeiro Andar — 1926 — (contos)

Amar, Verbo Intransitivo — 1927 — (idílio)

Clan do Jabotí — 1927 — (poesia)

EM PREPARO:

Macunaíma — (historia)

Compendio de Historia da Musica

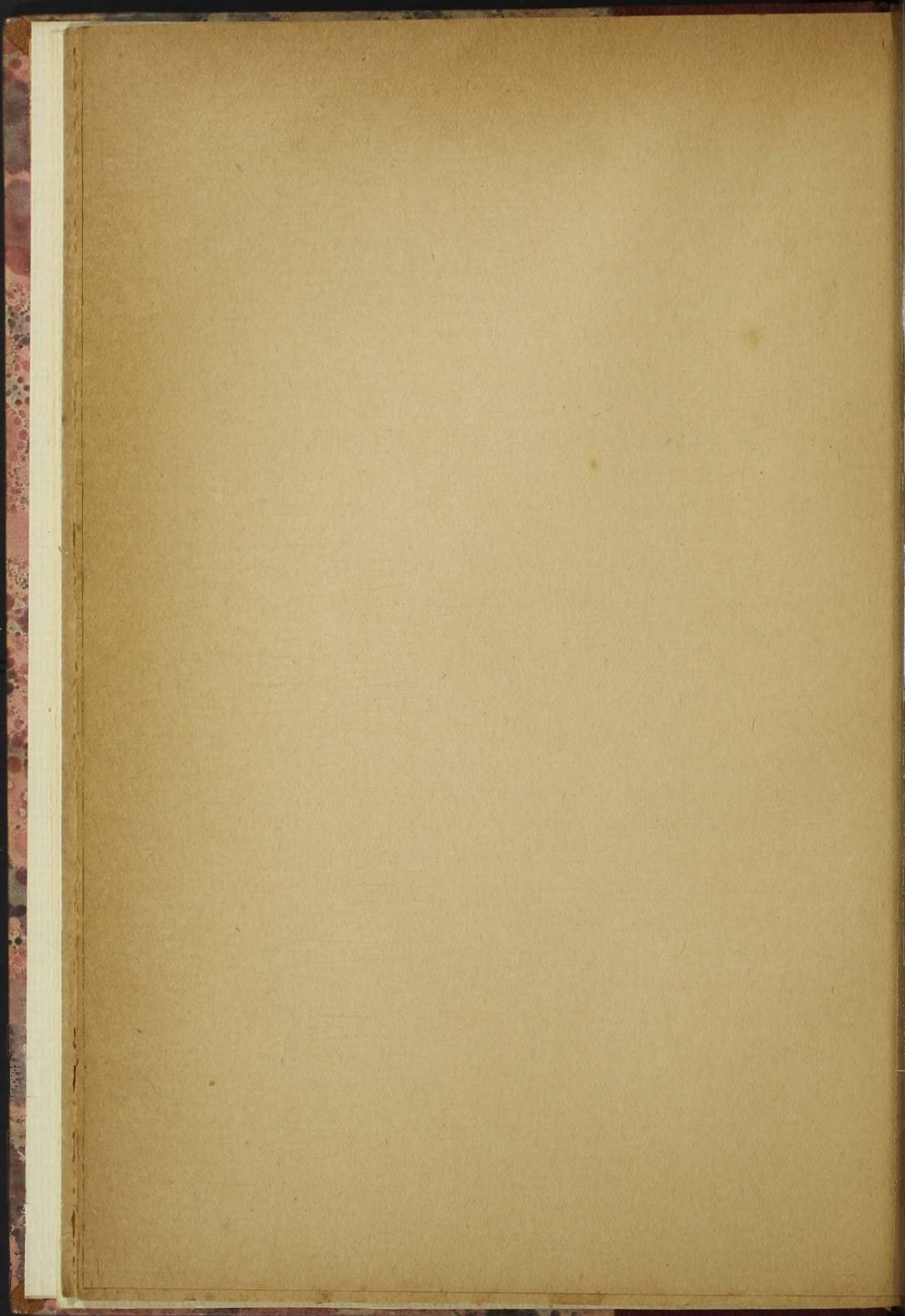
Gramatiquinha da Fala Brasileira

João Bobo — (romance)

O POETA COME AMENDOIM

a Carlos Drummond de Andrade

(1924)



Noites pesadas de cheiros e calores amontoados...
Foi o Sol que por todo o sítio imenso do Brasil
Andou marcando de moreno os brasileiros.

Estou pensando nos tempos de antes de eu
nascer...

A noite era pra descansar. As gargalhadas brancas dos mulatos...

Silêncio! O Imperador medita os seus versinhos.
Os Caramurús conspiram na sombra das mangueiras ovais.

Só o murmurejo dos cre'm-deus-padres irmanava os homens de meu país...

Duma feita os canhamboras perceberam que não tinha mais escravos,

Por causa disso muita virgem-do-rosario se perdeu...

Porém o desastre verdadeiro foi embonecar esta
Republica temporã.

A gente inda não sabia se governar...
Progredir, progredimos um tiquinho
Que o progresso também é uma fatalidade...
Será o que Nosso Senhor quiser!...

Estou com desejos de desastres...
Com desejos do Amazonas e dos ventos muri-
çocas
Se encostando na cangerana dos batentes...
Tenho desejos de violas e solidões sem sentido
Tenho desejos de gemer e de morrer.

Brasil...
Mastigado na gostosura quente do amendoim...
Falado numa lingua curumim
De palavras incertas num remeleixo melado me-
lancolico...
Saem lentas frescas trituradas pelos meus den-
tes bons...
Molham meus beijos que dão beijos alastrados
E depois semitoam sem malícia as rezas bem
nascidas...

Brasil amado não porquê seja minha pátria,
Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde
Deus der...

Brasil que eu amo porquê é o ritmo do meu
braço aventureiro,

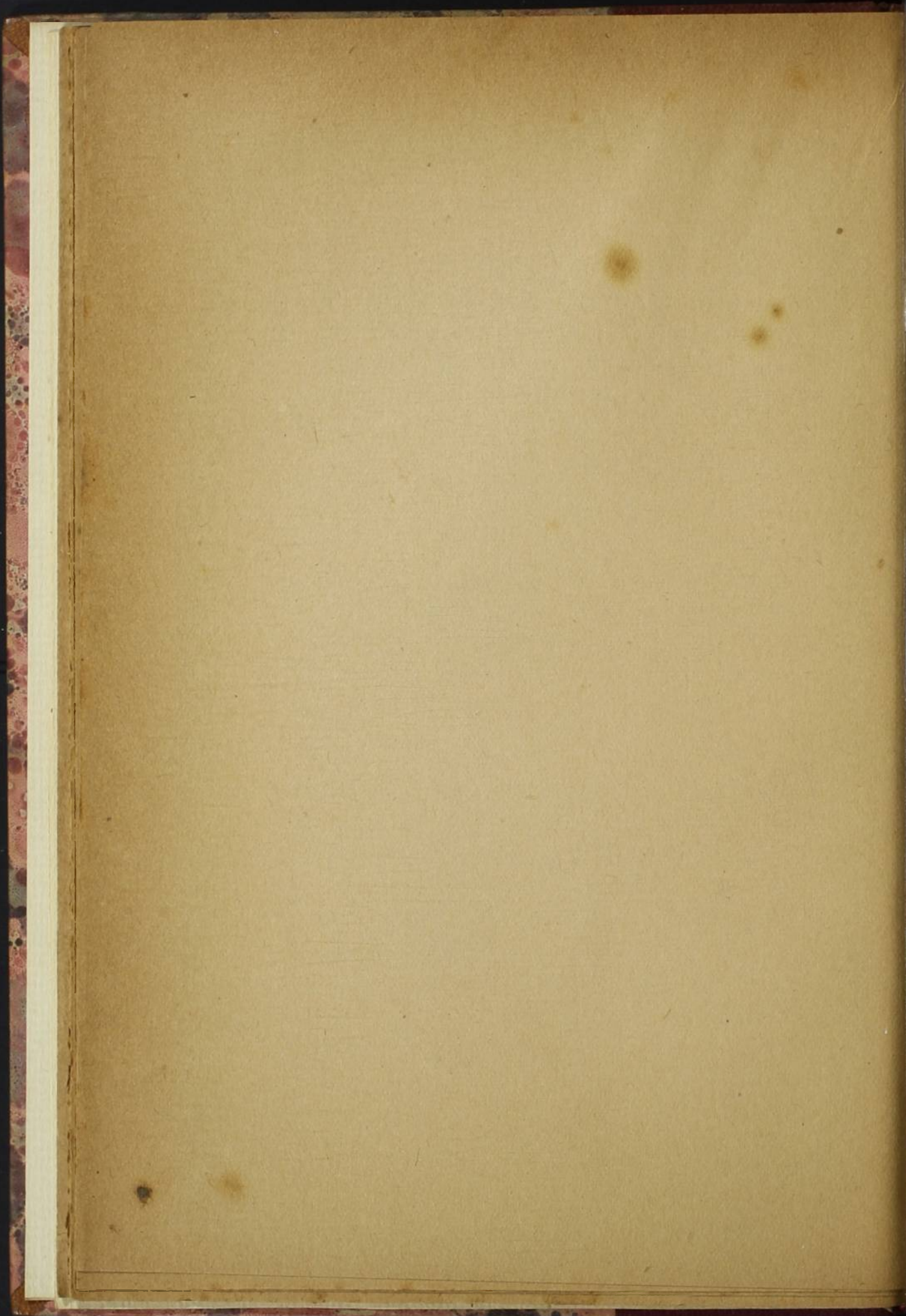
O gosto dos meus descansos,

O balanço das minhas cantigas amores e dansas.

Brasil que eu sou porquê é a minha expressão
muito engraçada,

Porquê é o meu sentimento pachorrento,

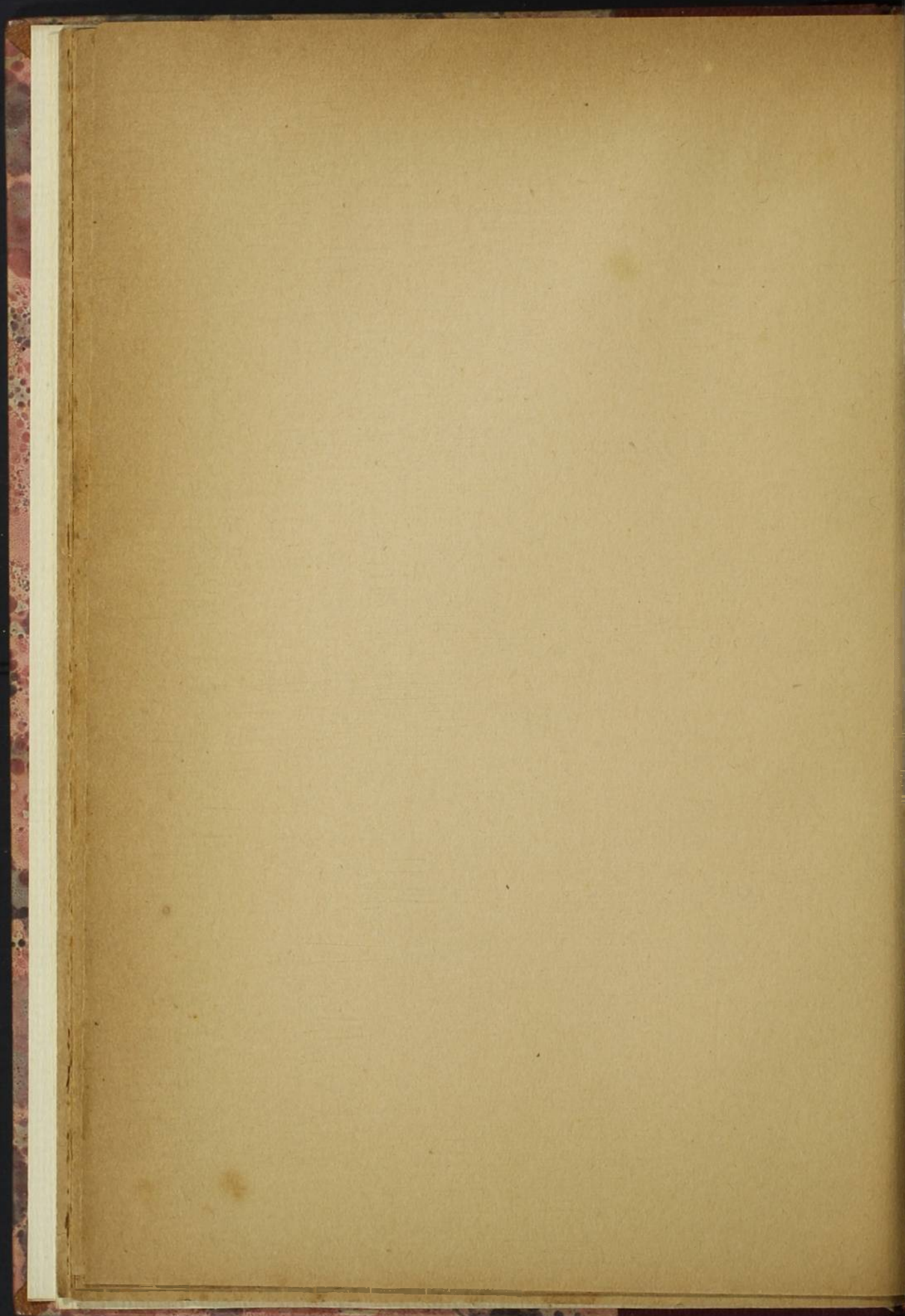
Porquê é o meu jeito de ganhar dinheiro, de
comer e de dormir.



CARNAVAL CARIOCA

a Manuel Bandeira

(1923)



A fornalha estrala em mascarados cheiros silvos
Bulhas de cor bruta aos trambolhões,
Setins sedas cassas fundidas no riso febril...
Brasil!
Rio de Janeiro!
Queimadas de verão!
E ao longe, do tição do Corcovado a fumarada
das nuvens pelo céu.

Carnaval...
Minha frieza de paulista,
Policiamentos interiores,
Temores da excepção...
E o excesso goitacá pardo selvagem!
Cafrarias desabaladas
Ruínas de linhas puras
Um negro dois brancos tres mulatos, despu-
dores...

O animal desembesta aos botes pinotes desen-
gonços
No heroísmo do prazer sem máscaras supremo
natural.

Tremi de frio nos meus preconceitos eruditos
Ante o sangue ardendo povo chiba fremito e
clangor.

Risadas e dansas
Batuques maxixes
Geitos de micos piricicas
Ditos pesados, graça popular...
Ris? Todos riem...

O individuo é caixeiro de armarinho na Gamboa.
Cama de ferro curta por demais,
Espelho mentiroso de mascate
E no cabide roupas lustrosas demais...
Dansa uma joça repinizada
De gestos pinchando ridiculos no ar.
Corpo gordo que nem de maírona
Rebolando embolado nas saías baianas,
Braço de fora, pelanca pulando no espaço
E no decote cabeludo cascaveis saracoteando
Desritmando a forçura dos musculos viris.
Fantasiou-se de baiana,

A Baía é boa terra...

Está feliz.

Entoa atoa a toada safada
E no escuro da boca banguela
O halo dos beijos de carmim.
Vibrações em redor.
Pinhos gargalhadas assobios
Mulatos remeleixos e buduns.
Palmas. Pandeiros. — Aí, baiana!

Baiana do coração!

Serpentinas que saltam dos autos em monoculos
curiosos,

Este cachorro espavorido,

Guarda-civil indiferente.

Fiscalisemos as piruetas...

Então só eu que vi?

Risos. Tudo aplaude. Tudo canta:

— Aí, baiana faceira,

Baiana do coração!

Ele tinha nos beijos sonoros beijando se rindo

Uma ruga esquecida uma ruga longinqua

Como esgar duma angústia indistinta ignorante...

Só eu pude gosa-la.

E talvez a cama de ferro curta por demais...

Carnaval...

A baiana se foi na religião de Carnaval

Como quem cumpre uma promessa.

Todos cumprem suas promessas de gosar.

Explodem rancos roucos trilos tchique-tchiques

E o falsete enguia esguia rabejando pelo aqua-
rio multicolor.

Cordões de machos mulherisados,
Ingleses evadidos da pruderie,
Argentinos mascarando a admiração com des-
dens superiores
Degringolando em lenga-lenga de milonga,
Polacas de indiscutível indole nagô,
Yankees fantasiados de norteamericanos...
Coiôsada emproada se aturdindo turtuveando
Entre os carnavalescos de verdade
Que pererecam pararacas em derengues meneios
cantigas, chinfrim de gosar!

Tem outra raça ainda.

O mocinho vai fuçando o manacá naturalizado
espanhola.

Ela se deixa bolinar na multidão compacta.

Por engano.

Quando aproximam dos polícias

Como ela é pura conversando com as amigas!

Pobre do moço olhando as fantasias dos outros,

Pobre do solitario com chapéu caicai nos olhos!

Naturalmente é um poeta...

Eu mesmo... Eu mesmo, Carnaval...

Eu te levava uns olhos novos

Pra serem lapidados em mil sensações bonitas,

Meus labios murmurejando de comoção as-
sustada

Haviam de ter purissimo destino...

E' que sou poeta

E na banalidade larga dos meus cantos

Fundir-se-ão de mãos dadas alegrias e tristuras,
bens e males,

Todas as coisas finitas

Em rondas aladas sobrenaturais.

Ansia heroica dos meus sentidos

Pra acordar o segredo de seres e coisas.

Eu colho nos dedos as redeas que param o in-
frene das vidas,

Sou o compasso que une todos os compassos,

E com a magia dos meus versos

Criando ambientes longinquos e piedosos

Transporto em realidades superiores

A mesquinhez da realidade.

Eu bailo em poemas, multicolorido!

Palhaço! Mago! Louco! Juiz! Criancinha!

Sou dansarino brasileiro!

Sou dansarino e danso! E nos meus passos
conscientes

Glorifico a verdade das coisas existentes

Fixando os ecos e as miragens.

Sou um tupi tangendo um alaúde

E a tragica mixordia dos fenomenos terrestres

Eu celestiso em euritmias soberanas,

Ôh encantamento da Poesia imortal!...

Onde que andou minha missão de poeta, Car-
naval?

Puxou-me a ventania,
Segundo círculo do Inferno,
Rajadas de confetes
Halitos diabolicos perfumes
Fazendo relar pelo corpo da gente
Semiramis Marilia Helena Cleopatra e Fran-
cesca.

Milhares de Julietas!
Domitilas fantasiadas de cow-girls,
Isoldas de pijama bem francesas,
Alzacianas portuguesas holandesas...

Geografia!

Êh liberdade! Pagodeira grossa! É bom gosar!
Levou a breca o destino do poeta,
Barreei meus labios com o carmim doce dos
dela...

Teu amor provinha de desejos irritados,
Irritados como os morros do nascente nas pri-
meiras horas da manhã.

Teu beijo era como o grito da araponga,
Me alumeava atordoava com o golpe estridente
viril.

Teu abraço era como a noite dormida na rede
Que traz o dia de membros moles mornos de
torpor.

Te possuindo eu me alimentei com o mel dos
guarupús,

Mel acido, mel que não sacia,
Mel que dá sede quando as fontes estão muitas
leguas alem,
Quando a soalheira é mais desoladora
E o corpo mais exausto.

Carnaval...
Porém nunca tive intenção de escrever sobre ti...
Morreu o poeta e um gramofone escravo
Arranhou discos de sensações...

I

Em baixo do Hotel Avenida em 1923
Na mais pujante civilização do Brasil
Os negros sambando em cadencia.
Tão sublime, tão africa!
A mais moça bulcão polido ondulações lentas
lentamente
Com as arrecadas chispando raios glaucos oiro
na luz peluda de pó.
Só as ancas ventre dissolvendo-se em vaivens
de ondas em cio.
Termina se benzendo religiosa talqualmente num
ritual.

E o bombo gargalhante de tostões
Sincopa a graça da danada.

II

Na capota franjada com chale chinês
Amor curumim abre as asas de rúim papelão.
Amor abandonou as setas sem prestígio
E se agarra na cinta fecunda da mãe.
Venus Vitoriosa emerge de ondas crespas serpentinhas,
De ondas encapeladas por mexicanos e marqueses cavalgando autos perseguidores.
— Quero ir pra casa, mamã!

Amor com medo dos desejos...

III

O casal jovem rompendo a multidão.
O bando de mascarados de sopetão em bofetadas de confetes na mulher.
— Olhe só a boquinha dela!
— Ria um pouco, beleza!
— Come do meu!
O marido esperou (com paciência) que a esposa se desvencilhasse do bando de máscaras
E lá foram rompendo a multidão.
Ela apertava femininamente contra o seio o braço protetor do
Espôso.

Do espôso recebido ante a imponencia catedra-
tica da Lei
E as bênçãos invisíveis — extraviadas? — do
Senhor...

Meu Deus...
Onde que jazem tuas atrações?
Pra que lados de fora da Terra
Fugiu a paz das naves religiosas
E a calma boa de rezar ao pé da cruz?
Reboa o batuque.
São priscos risadas
São almas farristas
Aos pinchos e guinchos
Cambeteando na noite estival.
Pierrots-femeas em calções mais estreitos que
as pernas,
Gambiarras iluminadas!
Oblatas de confetes no ar,
Incenso e mirra marca Rodo nacional
Açulam raivas de gosar.

O cabra enverga fraque de setim verde no es-
queleto.
Magro magro asceta de longos jejuns difici-
limos.
Jantou gafanhotos.
E gesticula fala canta.

Prédicas de meu Senhor...
Será que vai enumerar teus pecados e anatemas
justos?
A boca dele florirá de bênçãos e perdões...

Porém de que lados de fora da Terra
Falam agora as tuas prédicas?
Quedê teus padres?
Quedê teus arcebispos purpurinos?
Quedele o tempo em que Felipe Neri
Sem fraque de setim verde no esqueleto
Agarrava a contar as parabolas lindas
De que os padres não se lembram mais?
Por onde prégam os Sumés de meu Senhor?
Aqueles a quem deixaste a tua Escola
Fingem ignorar que gostamos de parabolas
lindas,
E todos nos pusemos sapeando histórias de
pecado
Porquê não tinha mais histórias pra escutar...

Senhor! Deus bom, Deus grande sobre a terra e
sobre o mar,
Grande sobre a alegria e o esquecimento humano,
Vem de novo em nosso rancho, Senhor!
Tu que inventaste as asas alvinhas dos anjos
E a figura batuta de Satanás;
Tu, tão humilde e imaginoso

Que permitiste Isis guampuda nos templos do
Nilo,
Que indicaste a bandeira triunfal de Dionisio
pros gregos
E empinaste Tupã sobre os Andes da America...

Aleluia!

Louvemos o Criador com os sons dos saxofones
arrastados,

Louvemo-Lo com os salpicos dos xilofones ni-
tidos!

Louvemos o Senhor com os riscos dos recorre-
cos e os estouros do tantan,

Louvemo-Lo com a instrumentarada crespada do
jazz-band !

Louvemo-Lo com os violões de cordas de tripa
e as cordeonas imigrantes,

Louvemo-Lo com as flautas dos chôros mulatos
e os cavaquinhos das serestas ambulantes!

Louvemos O que permanece através das festan-
ças virtuosas e dos gôsos ilegítimos!

Louvemo-Lo sempre e sobre tudo! Louvemo-Lo
com todos os instrumentos e todos os ritmos!...

Vem de novo em nosso rancho, Senhor!

Descobrirei no colo dengoso da Serra do Mar

Um derrame no verde mais claro do vale,

Arrebanharei os cordões do carnaval

E pros carlitos marinheiros gigoletes e arlequins
Tu contarás de novo com tua voz que é ver o
leite

Essas histórias passadas cheias de bons sama-
ritanos,

Dessas histórias cotubas em que Madalena ata-
petava com os cabelos o teu chão...

...pacapacapacapão!... pacapão! pão! pão!...

Pão e circo!

Roma imperial se escarrapacha no anfiteatro da
Avenida.

Os bandos passam coloridos,

Gesticulam virgens,

Semivirgens,

Virgens em todas as frações

Num desespero de gosar.

Homens soltos

Mulheres sôltas

Mais duas virgens fuchicando o almofadinha

Maridos camaradas

Mães urbanas

Meninos

Meninas

Meninos

O de dois anos dormindo no colo da mãe...

— Não me aperte!

— Desculpe, madama!

Falsetes em desarmonia

Coros luzes serpentinas serpentinas

Coriscos coros caras colos braços serpentinas
serpentinas

Matusalem cirandas Breughel

— Diacho!

Sambas bumbos guisos serpentinas serpentinas...

E a multidão compacta se aglomera aglutina

mastiga em aproveitamentos brincadeiras as-

fixias desejadas delirios sardinhas desmaios

Serpentinas serpentinas coros luzes sons

E sons!

YAYÁ, FRUTA-DO-CONDE,
CASTANHA-DO-PARÁ!...

Yayá, fruta-do-conde,
Castanha-do-Pará!...

O prestito passando.

Bandos de clarins em cavalos fogosos.

Utiaritis aritis assoprando cornetas sagradas.

Fanfarras fanfarrans

fenferrens

finfirrins...

Forrobodó de cúia!

Vitória sobre a civilização! Que civilização?...

E' Baco!

E' Baco num carro feito de oiro e de mulheres

E dez parelhas de bēstas imorais.

Tudo aplaude guinchos berros,

E sobre o Etna de loucuras e polvoras

Os Tenentes do Diabo.

Alegorias, criticas, parodias

Palacios bēstas do fundo do mar,

Os alugueis se elevam...

Os senhorios exigentes...

Cães! infames! malditos!...

...Eu enxerguei com êstes meus olhos que inda
a Terra ha-de comer

Anteontem as duas mulheres se fantasiando de
lagrimas.

A mais nova amamentava o esqueletinho.

Quatro barrigudinhos sem infancia,

Os trastes sem conchego

No lar-de-todos da rua...

O Solzão ajudava a apoteose

Com o despejo das cores e calores...

Segue o prestito numa via-latea d'ê esplendores.

Prêsa num palanquim de onix e porfiro...

Ota, morena boa!

Os olhos dela têm o verde das florestas,

Todo um brasil de escravos banzo sensualismos,

Indios nús balanceando na terra das tabas,

Cauim curare cachirí

Cajás... Ariticuns... Pele de Sol!

Minha vontade por você serpentinando...

O prestito se vai.

Os Blocos se amontoam me afastando de você...

Passa o Flor de Abacate,

Passa o Miséria e Fome, o Ameno Resedá...

O prestito se vai...

Você também se foi rindo pros outros,

Senhora dona ingrata

Coberta de oiro e prata...

Esfusios de risos...

Arrancos de metais...

O schlschlsch monotono das serpentinadas...

Monotono das serpentinadas...

E a surpresa do fim: Fadiga de gosar.

Claros em torno da gente.
Bolas de fitas de papel rolando pelo chão.
Manchas de asfalto.
Os corpos adquirem de novo as sombras deles.
Tem lugares no bar.
As árvores poisam de novo no chão graciosas
ordenadas,
Os palacios começam de novo subindo no céu...

Quatro horas da manhã.
Nos clubes nas cavernas
Inda se ondula vagamente no maxixe.
Os corpos se unem mais.
Tem cinzas na escuridão indecisa da arraiada.
Já é quarta-feira no Passeio Publico.
Numa sanha final
Os varredores carnavalisam as brisas da manhã
Com poeiras perfumadas e cromáticas.
Peri triste sentou na beira da calçada.
O carro-chefe dos Democraticos
Sem a falação do estandarte
Sem vida, sem mulheres
Senil buscando o barracão.
Democraticamente...

Aurora... Tchim! Um farfalhar de plumas au-
reas no ar.

E as montanhas que nem tribus de guaianás em
rapinas de luz
Com seus cocares de penas de tucano.

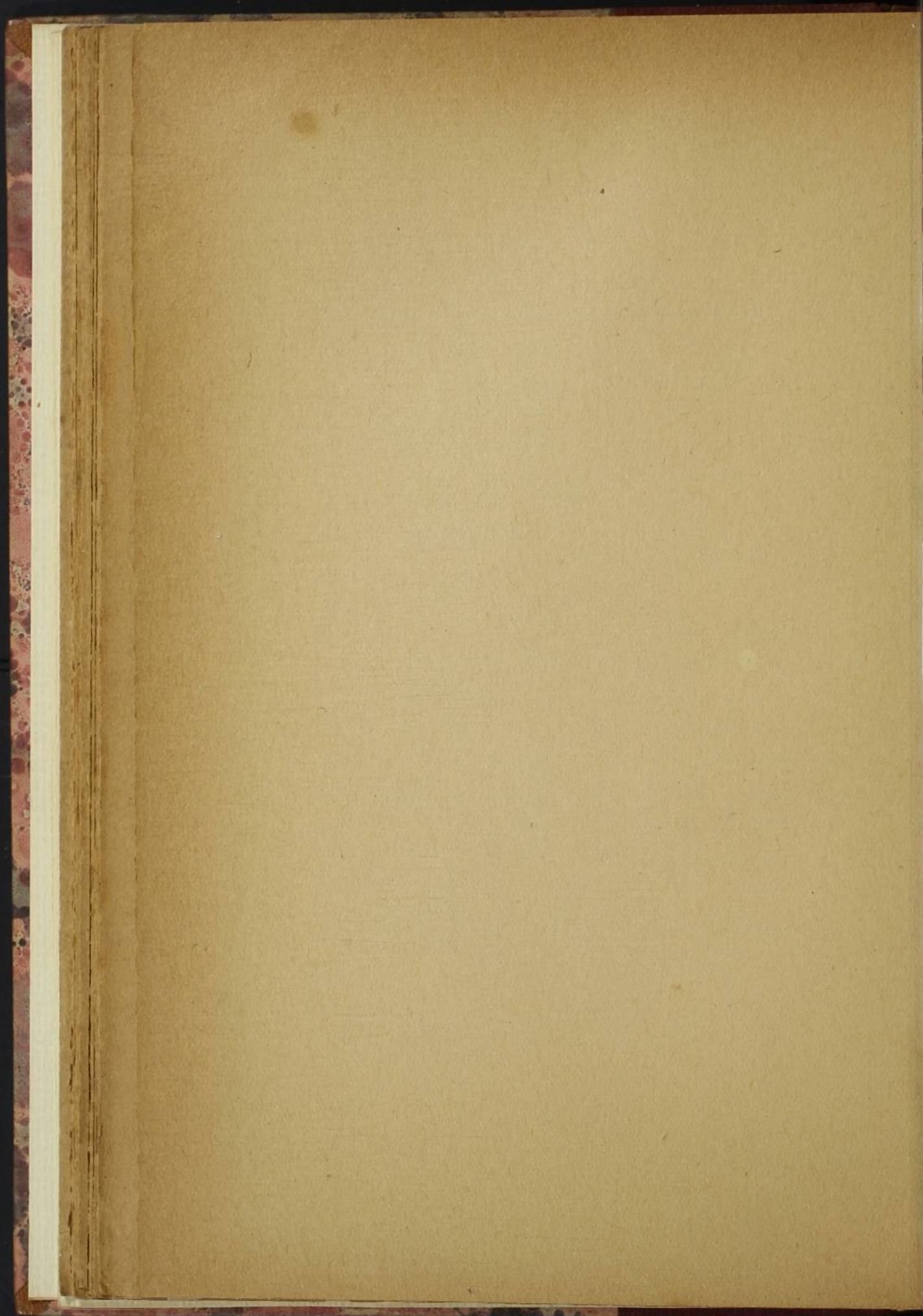
O poeta se debruça no parapeito de granito.
A rodelinha de confete cai do chapéu dele,
Vai saracotear ainda no samba mole das ondas.

Então o poeta vai deitar.

Lentamente se acalma no país das lembranças
A invasão furiosa das sensações.
O poeta sente-se mais seu.
E puro agora pelo contacto de si mesmo
Descansa o rosto sobre a mão que escreverá.

Lhe embala o sono
A barulhada matinal de Guanabara...
Sinos buzinas clacsons campainhas
Apitos de oficinas
Motores bondes prègões no ar,
Carroças na rua, tranzatlânticos no mar...
E' a cantiga-de-berço.
E o poeta dorme.

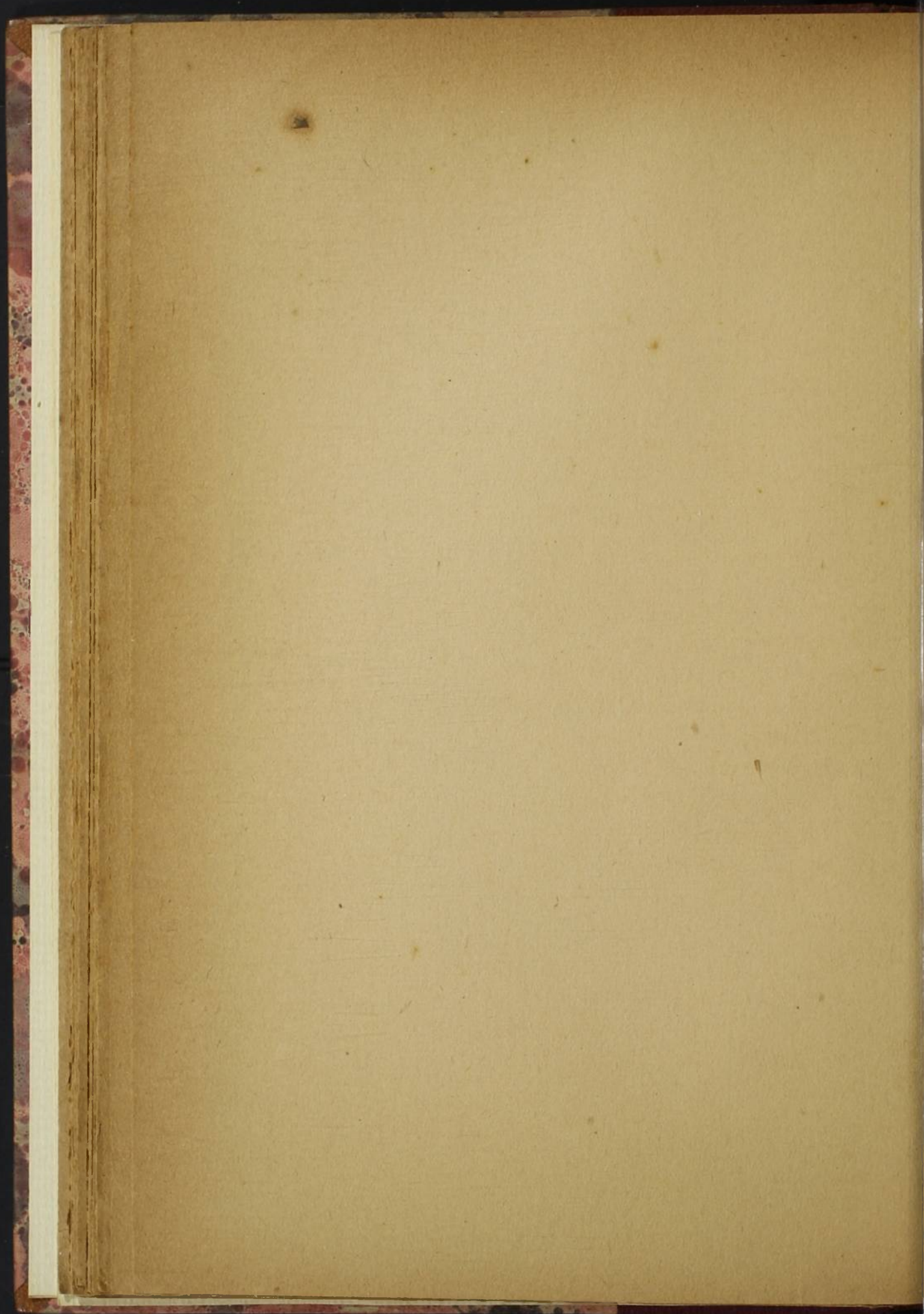
O poeta dorme sem necessidade de sonhar.



COORDENADAS

a Couto de Barros

(1924)



RONDO PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria
Receber somente êsse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem gosar somente êsse beijo
Tão molhado que você me dá...
Eu não queria só porquê
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Soluça o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que junto com êsse corpo magro
Moreninho que você me dá,

Com a boniteza a faceirice
A risada que você me dá
E me enrabicham como o quê,
Bem que eu podia possuir também
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento a alma o desgosto
De você.

VIUVITA

Ela era mesmo bonita, muito moça
Esperando autobonde sozinha na esquina.
Todos os homens a encaravam sem respeito, de-
sejando.

Vai, pra se livrar de tanta amolação
Ela fez êsse gesto de moça que arranja chapeu,
Só pra mostrar a defesa que tinha no dedo, uma
aliança.

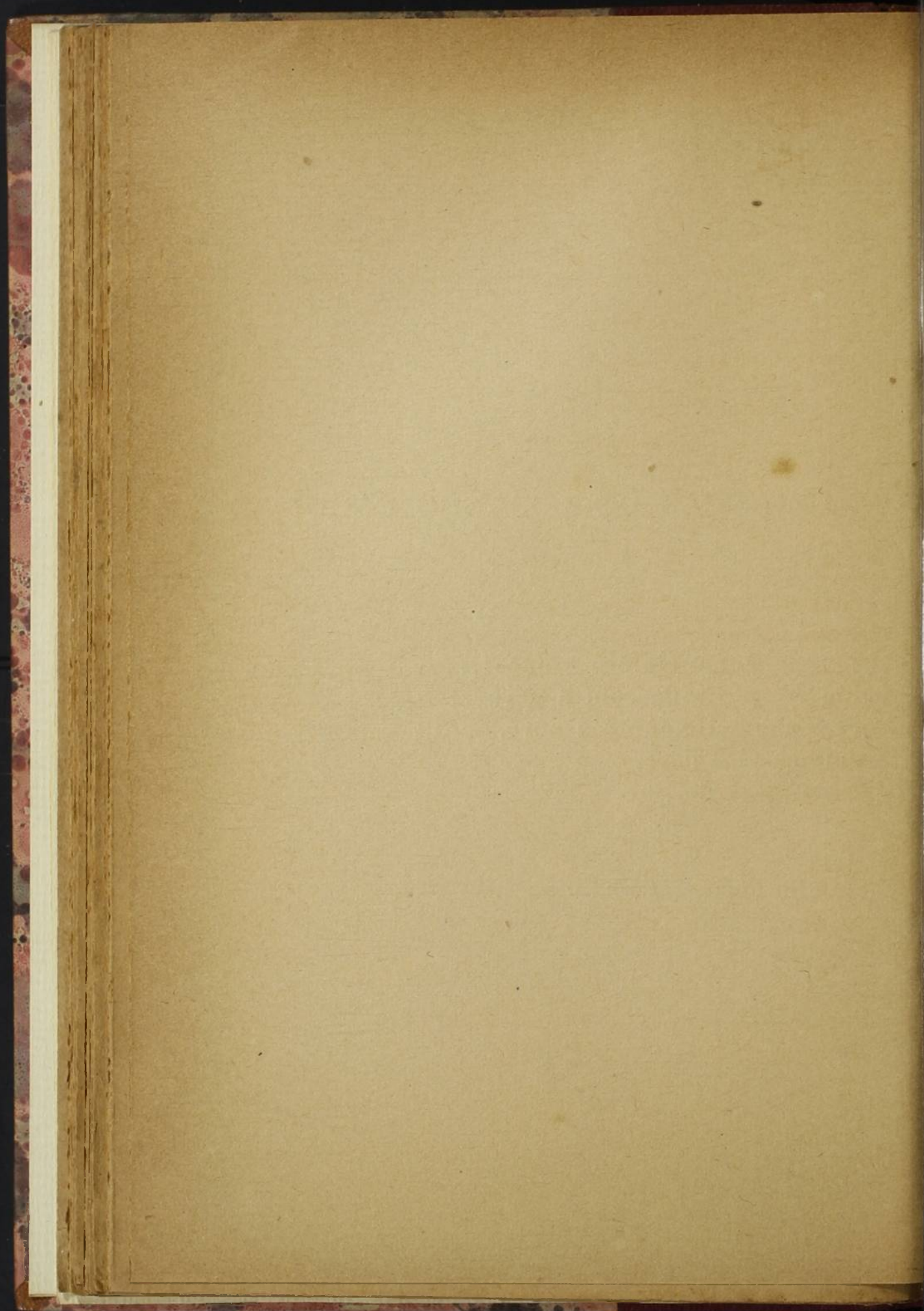
A moça esqueceu que tinha duas alianças no
dedo...

Por causa disso os homens se aproximaram
mais.

LEMBRANÇAS DO LOSANGO CÁQUI

Meu Deus como ela era branca!...
Como era parecida com a neve...
Porêm não sei como é a neve,
Eu nunca vi a neve,
Eu não gosto da neve!

E eu não gostava dela...



S A M B I N H A

Vêm duas costureirinhas pela rua das Palmeiras.
Afobadas braços dados depressinha
Bonitas, Senhor! que até dão vontade pros ho-
mens da rua.

As costureirinhas vão explorando perigos...
Vestido é de seda.
Roupa-branca é de morim.

Falando conversas fiadas
As duas costureirinhas passam por mim.
— Você vai?

— Não vou não!

Parece que a rua parou pra escuta-las.
Nem os trilhos sapecas

Jogam mais bondes um pro outro.
E o Sol da tardinha de abril
Espia entre as palpebras sapiroquentas de duas
nuvens.
As nuvens são vermelhas.
A tardinha é cor-de-rosa.

Fiquei querendo bem aquelas duas costurei-
rinhas...
Fizeram-me peito batendo
Tão bonitas, tão modernas, tão brasileiras!
Isto é...
Uma era italo-brasileira.
Outra era africo-brasileira.
Uma era branca.
Outra era preta.

MODA DOS QUATRO RAPAZES

(Campos do Jordão)

Nós somos quatro rapazes
Dentro duma casa vazia.

Nós somos quatro amigos intimos
Dentro duma casa vazia.

Nós somos ver quatro irmãos
Morando na casa vazia.

Meu Deus! si uma sáia entrasse
A casa toda se encheria!

Mas era uma vez quatro amigos intimos...

MODA DO BRIGADEIRO

(Campos do Jordão)

O brigadeiro Jordão
Possuiu êstes latifúndios
Dos quais o metro quadrado
Vale hoje uns nove milreís.
Puxa! que homem felizardo
O brigadeiro Jordão!...
Tinha casa tinha pão,
Roupa lavada e engomada
E terras... Qual terras! mundos
De pastos e pinheirais!
Que troças em perspectiva...
Nem pensava em serrarias

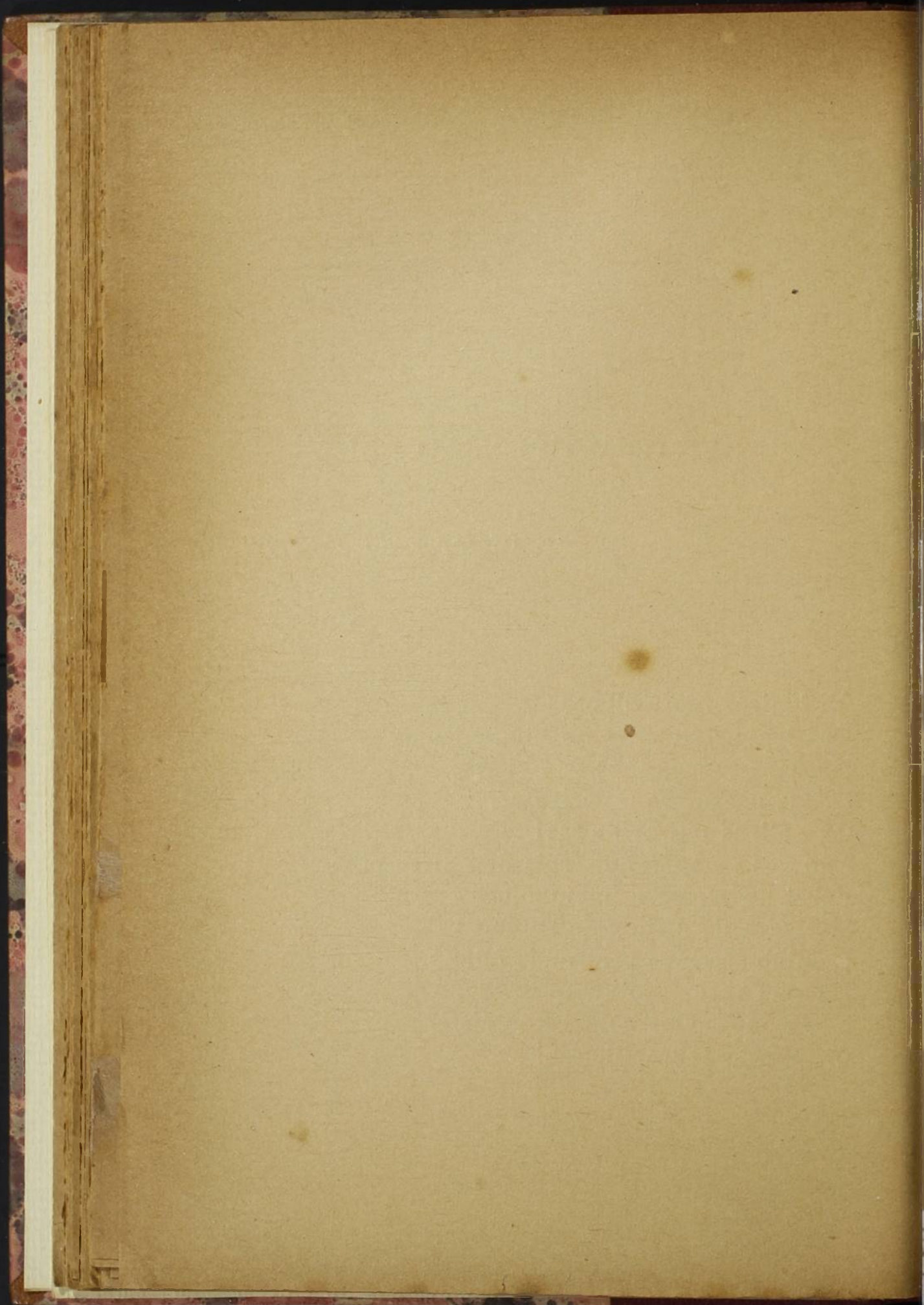
Nem fundava sanatorios
Nem gado apascentaria!
Vendia tudo por oito
E com a bolada no bolso
Ia no largo do Arouche
Comprar aquelas pequenas
Que moram numa pensão!

Mas não são minhas as terras
Do brigadeiro Jordão...

ACALANTO DA PENSÃO AZUL

(Campos do Jordão)

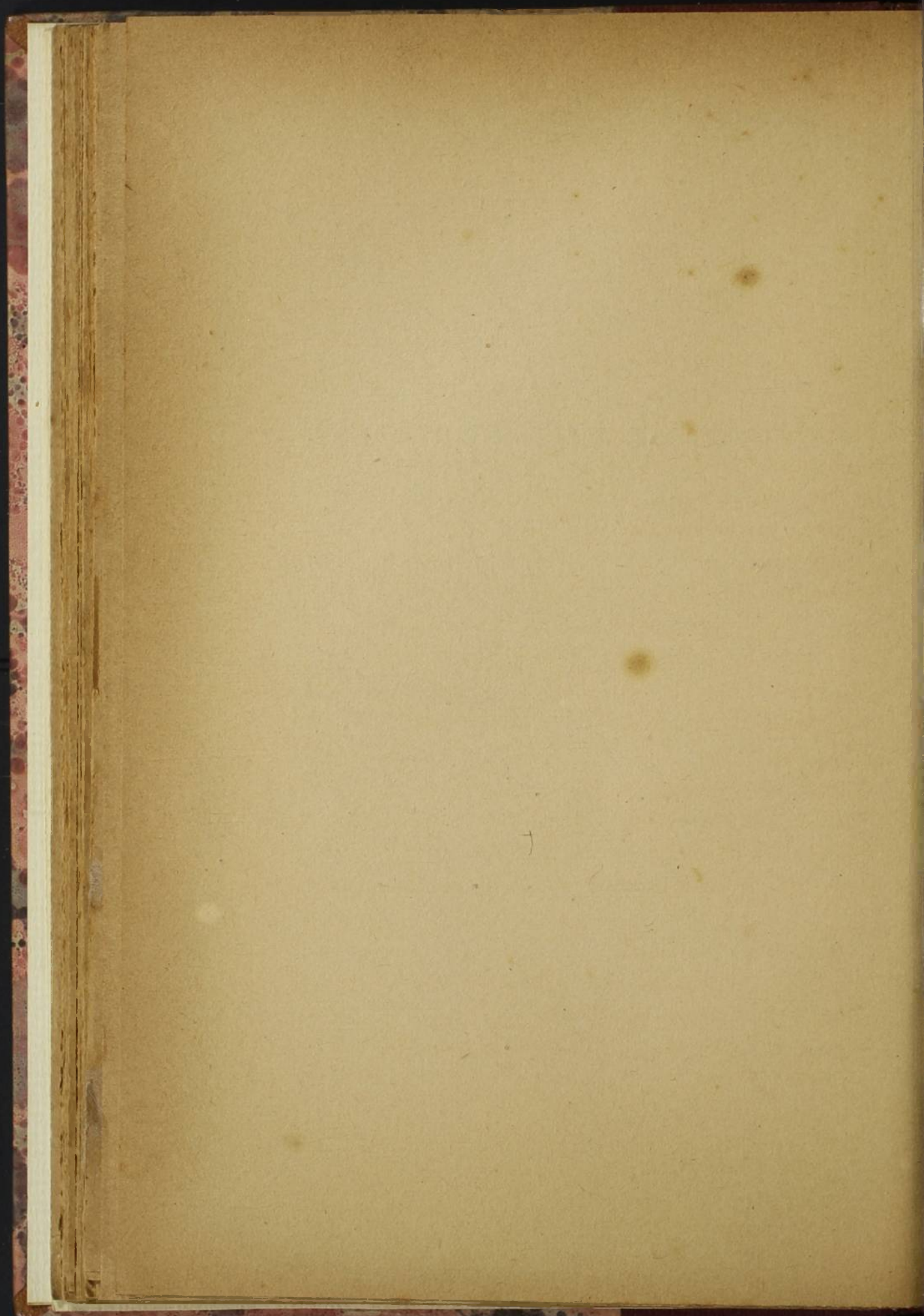
Ôh héticas maravilhosas
Dos tempos quentes do Romantismo,
Maçãs coradas olhos de abismo,
Donas perversas e perigosas,
Ôh héticas maravilhosas!
Não vos compreendo, sois de outras eras,
Fazei de pressa o pneumotorax
Mulheres de Antó e de Dumas Filho!
E então seremos bem mais felizes,
Eu sem receio do vosso brilho,
Vós sem bacilos nem hemoptises,
Ôh héticas maravilhosas!



NOTURNO DE BELO HORIZONTE

a Elysio de Carvalho

(1924)



Maravilha de milhares de brilhos vidrilhos,
Calma do noturno de Belo Horizonte...
O silencio fresco desfolha das árvores
E orvalha o jardim só.

Larguezas.

Enormes coagulos de sombra.

O polícia entre rosas...

Onde não é preciso, como sempre...

Ha uma ausencia de crimes

Na jovialidade infantil do friozinho.

Ninguém.

O monstro desapareceu.

Só as árvores árvores do mato-virgem

Pendurando a tapeçaria das ramagens

Nos braços cabindas da noite.

Que luta pavorosa entre floresta e casas...

Todas as idades humanas

Macaqueadas por arquiteturas historicas

Tôrres torreões torrinhas e tolices
Brigaram em nome da?
Os mineiros secundam em câro:
— Em nome da civilização!
Minas progride.
Tambem quer ter tambem capital modernissi-
ma tambem...
Porticos gregos do Instituto de Radio
Onde jamais Empedocles entrará...
O Conselho Deliberativo é manuelino,
Salão sapiente de Manueis-da-hora...
Arcos românicos de São José
E a catedral que pretende ser gotica...
Pois tanto esquecimento da verdade!
A terra se insurgiu.

O mato invadiu o gradeado das ruas,
Bondes sopesados por troncos herculeos,
Incêndio de Cafés,
Setas inflamadas,
Combôio de transfugas pra Rio de Janeiro,
A ramaria crequenta cegando as janelas
Com a poeira dura das folhagens...
Aquele homem fugiu.
A imitação fugiu.
Clareiras do Brasil, praças agrestes!...
Paz.

O mato vitorioso acampou nas ladeiras.
Suor de resinas opulentas.

Grupos de automoveis.
Baitacas e jandaias do rosal.
E o noturno apagando na sombra o artificio e
o defeito
Adormece em Belo Horizonte
Como um sonho mineiro.
Tem festas do Tejuco pelo céu!
As estrêlas baralham-se num estardalhaço de
luzes.
O sr. barão das Catas-Altas
Reune todas as constelações
Pra fundir uma baixela de mundos...
Bulicio de multidões matizadas...
Emboabas, carijós, espanhois de Felipe IV...
Tem baianos redondos...
Dom Rodrigo de Castel Branco partirá!...
Lumeiro festival... Gritos... Tocheiros...
O Triunfo Eucaristico abala chispeando...
Os planetas comparecem em pessoa!
Só as magnolias — que banzo dolorido! —
As carapinhas fofas polvilhadas
Com a prata da Via-Latea
Seguem prá igreja do Rosario
E pro jongo de Chico-Rei...

Estrêlas árvores estrêlas
E o silencio fresco da noite deserta.
Belo Horizonte desapareceu
Transfigurada nas recordações.

...Minas Gerais, fruta paulista...
Ouvi que tem minas ocultas por cá...
Mas ninguém mais conhece Marcos de Azeredo,
Quedê os roteiros de Roberio Dias?

Prata

Diamantes cascadeantes
Esmeraldas esmeraldas esperanças!...

Não são esmeraldas, são turmalinas bem se vê:

A casinha de taipa a beira-rio.
Canoa abicada na margem,
A bruma das monções,
Mais nada.
Os galhos lavam matinalmente os cabelos
Na água barrenta indiferente.
As ondas sozinhas do Paraíba
Morrem avermelhadas mornas cor-de-febre.
E a febre...

Não sejamos muito exigentes.
Todos os países do mundo
Tem os seus Guaicuis emboscados
No sossêgo das ribanceiras dolentes.
As carneiradas ficavam pra trás...
O trem passava apavorado.
Só parou muito longe na estação
Pra que os romeiros saudassem
Nosso Senhor da Boa-Viagem.

Ele ficava imóvel na beira dos trilhos
Amarrado á cegueira.
Trazia só os mulambos necesarios
Como convem aos santos e
Aos avarentos.
Porêr o netinho corria junto das janelas dos
vagões
Com o chapéu do cego na mão.
Quando a esmola caia — com que triunfo! —
o menino gritava:
— Pronto! Mais uma!
Então lá do seu mundo
Nosso Senhor abençoava:
— Boa viagem.

Examina a carne do teu corpo.
Apesar da perfeição das estradas-de-ferro
E da inflexível providencia dos horarios,
Encontros descarrilamentos mortes...
Pode ser!...
As esmolas tombavam.
— Pronto! Mais uma!
— Boa viagem.

Minas Gerais de assombros e anedotas...
Os mineiros pintam diariamente o céu de azul
Com os pinceis das macaúbas folhudas.
Olhe a cascata lá!
Subita bombarda.

Talvez fôlha de arbusto,
Ninho de tenenem que cai pesado,
Talvez o trem, talvez ninguem...
As aguas se assustaram
E o estouro dos rios começou.

Vão soltos pinchando rabanadas pelos ares,
Salta aqui salta corre viravolta pingo grito
Espumas brancas alvas
Fluem bolhas bolas,
Itoupavas altas...
Borbulham bulhando em murmurios churriantes
Nas bolsas brandas largas das enseadas languidas...
De sopetão fosso.

Mergulho.

Uivam tombando.

Desgarram serra abaixo.
Rio das Mortes
Paraopeba
Paraibuna,
Mamotes brancos...
E o Arassuí de Fernão Dias...
Barafustam vargens fora
Até acalmarem muito longe exanimés
Nas polidas lagoas de cabeça pra baixo.

Rio São Francisco o marroeiro dos matos
Partiu levando o rebanho pro norte
Ao abôio das aguas lentamente.

A barcaça que ruma pra Joazeiro
Desce ritmada pelos golpes dos remeiros.
Na proa, o olhar distante a olhar,
Matraca o dansador:

“Meu pangaré arreado,
Minha garrucha laporte,
Encostado no meu bem
Não tenho medo da morte.
Ah!...”

Um grande Ah!... aberto e pesado de espanto
Varre Minas Gerais por toda a parte...
Um silencio repleto de silencio
Nas invernadas nos araxás
No marasmo das cidades paradas...
Passado a fuchicar as almas,
Fantasmas de altares, de naves doiradas
E dos palacios de Mariana e Vila Rica...

Isto é: Ouro Preto.

E o nome lindo de São José d'El Rei mudado
num odontologico Tiradentes...
Respeitemos os martires.

Calma do noturno de Belo Horizonte...
As estrêlas acordadas enchem de Ahs!... ecoan-
tes o ar.
O silencio fresco despenca das árvores.
Veio de longe, das planicies altas,
Dos cerrados onde o guache passa rapido...

Vvvvvvv... passou.

Passou talqual o fausto das paragens de ouro
velho...

Minas Gerais, fruta paulista...

Fruta que apodreceu.

Frutificou mineira! Taratá!

Ha tambem colheitas sinceras!

Milharais canaviais cafèzais insistentes

Trepadeirando morro acima.

Mas que chãos sovinas como o mineiro-zebú!

Dizem que os baetas são agarrados...

Não percebi, graças a Deus!

Na fazenda do Barreiro recebem opulentamente.

Os pratos nativos são indices de nacionalidade.

Mas no Grande Hotel de Belo Horizonte servem
á francesa.

Et bien! Je vous demande un toutou!

Venha a batata-doce e o torresmo fondant!

Carne-de-porco não!

O médico russo afirma que na carne-de-porco
andam microbios de loucura...

Basta o meu desvairismo!

E os pileques

quasi pileques

salamaleques

da caninha de manga!...

Taratá! Quero a couve mineira!

Minas progride!

Mãos esqueleticas de máquinas britando mi-
nerios,
As estradas-de-ferro estradas-de-rodagem
Serpenteiam teosoficamente fecundando o de-
serto...

Afinal Belo Horizonte é uma tolice como as
outras.

São Paulo não é a unica cidade arlequinal.

E ha vida ha gente, nosso povo tostado.

O secretário da Agricultura é novo!

Fábricas de calçados

Escola de Minas no palacio dos Governadores.

Na Casa dos Contos não tem mais poetas encar-
cerados,

Campo de futebol em Carmo da Mata,

Divinopolis possui o melhor chuveiro do mundo,

As cunhãs não usam mais pó de oiro nos cabelos,

Os choferes avançam no bolso dos viajantes,

Teatro grego em São João d'El Rei

Onde jamais Euripides será representado...

Ninguem mais para nas pontes, Critilo,

Novidadeirando sobre damas casadas.

Tenho pressa! Ganhemos o dia!

Progresso! Civilisação !

As plantações pendem maduras.

O morfetico ao lado da estrada esperando
automoveis...

Cheiro fecundo de vacas,

Pedreiras feridas,
Eletricidade submissa...
Minas Gerais saxeia e atualista
Não resumida às estações-termiais!
Gentes do Triangulo Mineiro, Juiz de Fora!
Fôrça das xiriricas das florestas e cerrados!
Minas Gerais, fruta paulista!...

Alegria da noite de Belo Horizonte!
Ha uma ausencia de males
Na jovialidade infantil do friozinho.
Silencio brincalhão salta das árvores,
Entra nas casas desce as ruas paradas
E se engrossa agressivo na praça do Mercado.
Vento florido roda pelos trilhos.
Vem de longe, das grotas preistoricas...
Descendo as montanhas
Fugiu dos despenhadeiros assombrados do Ro-
la-Moça...

Estremeção brusco de medo.
Pavor.
Folhas chorosas de eucaliptos.
Sino bate.
Ninguém.
A solidão angustiosa dos pincaros...
A paz chucra ressabiada das gargantas da mon-
tanha...

A serra do Rola-Moça
Não tinha êsse nome não...

Eles eram do outro lado,
Vieram na vila casar.
E atravessaram a serra,
O noivo com a noiva dele
Cada qual no seu cavalo.

Antes que chegasse a noite
Se lembraram de voltar.
Disseram adeus pra todos
E puseram-se de novo
Pelos atalhos da serra
Cada qual no seu cavalo.

Os dois estavam felizes,
Na altura tudo era paz.
Pelos caminhos estreitos
Ele na frente ela atrás.
E riam. Como êles riam!
Riam até sem razão.

A serra do Rola-Moça
Não tinha êsse nome não.

As tribus rubras da tarde
Rapidamente fugiam
E apressadas se escondiam
Lá em baixo nos socavões
Temendo a noite que vinha.

Porêm os dois continuavam
Cada qual no seu cavalo,

E riam. Como êles riam!
E os risos também casavam
Com as risadas dos cascalhos
Que pulando levianinhos
Da vereda se soltavam
Buscando o despenhadeiro.

Ah, Fortuna inviolável!
O casco pisara em falso.
Dão noiva e cavalo um salto
Precipitados no abismo.
Nem o baque se escutou.
Faz um silêncio de morte.
Na altura tudo era paz...
Chicoteando o seu cavalo,
No vão do despenhadeiro
O noivo se despenhou.

E a serra do Rola-Moça
Rola-Moça se chamou.

Eu queria contar as histórias de Minas
Pros brasileiros do Brasil...

Filhos do Luso e da melancolia,
Vem, gente de Alagoas e de Mato Grosso,
De norte e sul homens fluviais do Amazonas e
do rio Paraná...
E os fluminenses salinos
E os guascas e os paraenses e os pernambucanos
E os vaqueiros de couro das caatingas

E os goianos governados por meu avô...
Teutos de Santa Catarina,
Retirantes de lingua sêca,
Maranhenses paraibanos e do Rio Grande do
Norte e do Espirito Santo
E do Acre, irmão caçula,
Toda a minha raça morena!
Vem, gente! vem ver o noturno de Belo Hori-
zonte!
Sejam comedores de pimenta
Ou de carne requentada no dorso dos pigarços
petiços,
Vem, minha gente!
Bebedores de guaraná e de assaí,
Chupadores do chimarrão,
Pinguços cantantes, cafêsisistas ricaços,
Mamíferos amamentados pelos cocos de Pin-
dorama,
Vem, minha gente, que tem festas do Tejuco
pelo céu!
Barbara Heliadora desgrenhada louca
Dizendo versos desce a rua Pará...
Quem conhece as ingratidões de Marília?
Juro que foi Nosso Senhor Jesus Cristo Ele
mesmo
Que plantou a sua cruz no adro das capelas da
serra!
Foi Ele mesmo que em São João d'El Rei
Esculpiu as imagens dos seus santos...

E ha histórias também pros que duvidam de Deus...

O coronel Antonio de Oliveira Leitão era casado com dona Branca Ribeiro do Alvarenga, ambos de orgulhosa nobreza vicentina. Porém nas tardes de Vila Rica a filha deles abanava o lenço no quintal... — “Deve ser a algum plebeu, que não ha moços nobres na cidade...” E o descendente de cavaleiros e de capitães-mores não quer saber de mésalliances. O coronel Antonio de Oliveira Leitão esfaqueou a filha. Levaram-no prêso prá Baía onde foi decapitado. Pois dona Branca Ribeiro do Alvarenga reuniu todos os cabedais. Mandou construir com êles uma igreja pra que Deus perdoasse as almas peccadoras do marido e da filha.

Meus brasileiros lindamente misturados,
Si vocês vierem nessa igreja dos Perdões
Rezem tres avè-marias ajoelhadas
Pros dois desinfelizes.
Creio que a moça não carece muito delas
Mas ninguem sabe onde estará o coronel...
Credo!

Mas não ha nada como histórias pra reunir na
mesma casa...
Na Arabia por saber contar histórias
Ûa mulher se salvou...

A Espanha estilhaçou-se numa poeira de nações
americanas

Mas sobre o tronco sonoro da lingua do ão

Portugal reuniu 22 orquideas desiguais.

Nós somos na Terra o grande milagre do amor.

Que vergonha si representássemos apenas con-
tingencia de defesa

Ou mesmo ligação circunscrita de amor...

Porêm as raças são verdades essenciais

E um elemento de riqueza humana.

As patrias têm de ser uma expressão de Huma-
nidade.

Separadas na guerra ou na paz são bem pobres

Bem mesquinhos exemplos de alma

Mas compreendidas juntas num amor consciente
e exato

Quanta história mineira pra contar!

Não prègo a guerra nem a paz, eu peço amor!

Eu peço amor em todos os seus beijos,

Beijos de odio, de cópula ou de fraternidade.

Não prègo a paz universal e eterna, Deus me
livre!

Eu sempre contei com a imbecilidade vaidosa
dos homens

E não me agradam os idealistas.

E temo que uma paz obrigatoria

Nos fizesse esquecer o amor

Porquê mesmo falando de relações de povo e
povo

O amor não é uma paz

E é por amor que Deus nos deu a vida...

O amor não é uma paz, bem mais bonito que ela,

Porquê é um completamento!...

Nós somos na Terra o grande milagre do amor!

E embora tão diversa a nossa vida

Dansamos juntos no carnaval das gentes,

Bloco pachola do "Custa mas vai!"

E abre alas que Eu quero passar!

Nós somos os brasileiros auriverdes!

As esmeraldas das araras

Os rubis dos colibris

Os abacaxis as mangas os cajús

Atravessam amorosamente

A fremente celebração do Universal!

Que importa que uns falem mole descansado

Que os cariocas arranhem os érres na garganta

Que os capixabas e paroaras escancarem as
vògais?

Que tem si o quinhentos reis meridional

Vira cinco tostões do Rio pro norte?

Juntos formamos êste assombro de miserias e
grandezas,

Brasil, nome de vegetal!...

O bloco fantasiado de histórias mineiras
Move-se na avenida de seis renques de árvores...
O Sol explode em fogaréus...
O dia é frio sem nuvens, de brilhos vidrilhos...
Não é dia! Não tem Sol explodindo no céu!
E' o delírio noturno de Belo Horizonte...
Não nos esqueçamos da cor local:
Itacolomi... Diário de Minas... Bondes do Ca-
lafate...
E o silêncio... sio... sio... Quirirí...

Os seres e as coisas se aplainam no sono.
Tres horas.
A cidade obliqua
Depois de dansar os trabalhos do dia
Faz muito que dormiu.

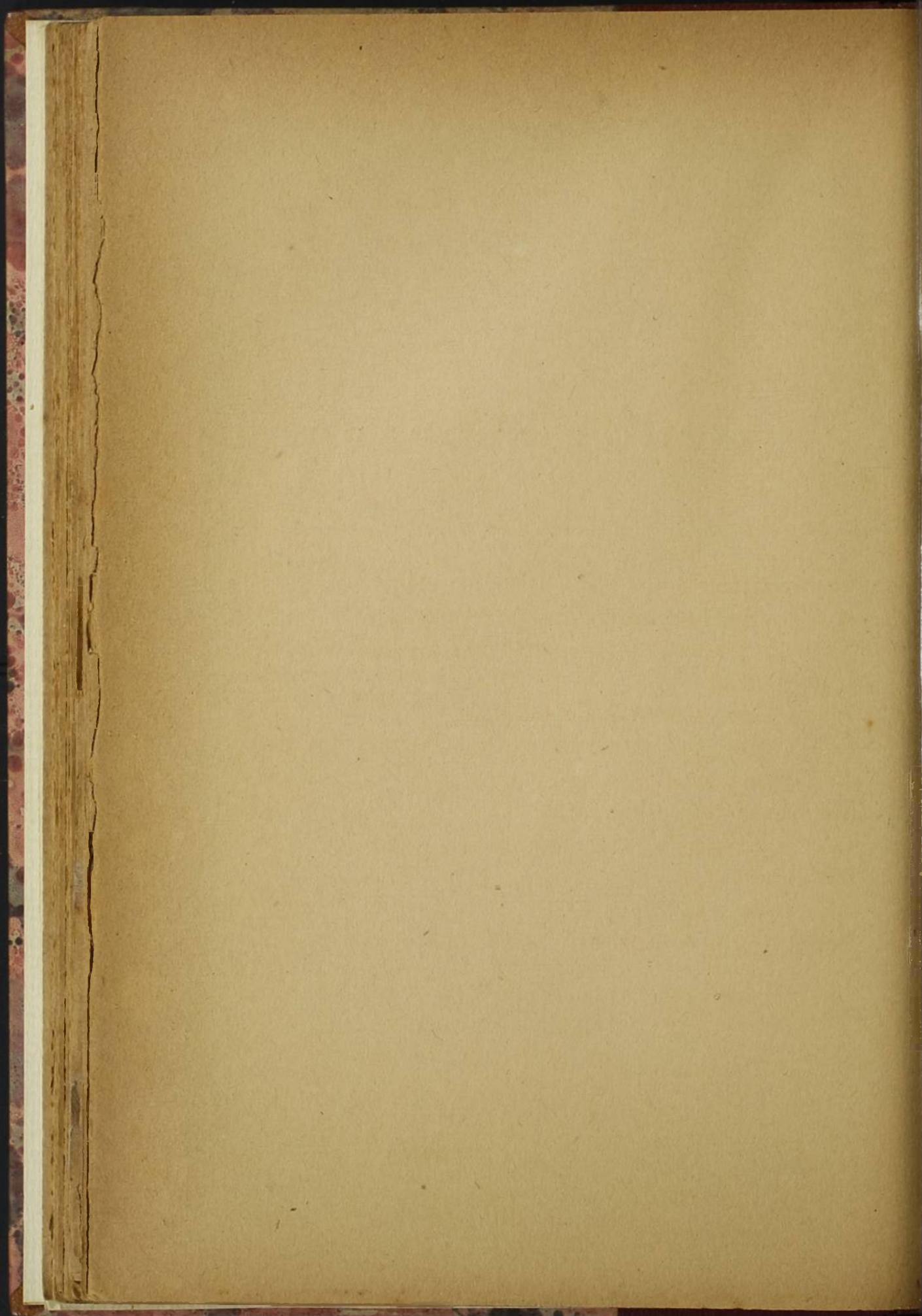
Seu corpo respira de leve o aclave vagarento das
ladeiras.
De longe em longe gritam solitários brilhos
falsos
Perfurando o sombral das figueiras:
Berenguendens berloques europeus de Oropa
consagrada
Que a goianá trocou pelas pepitas de ouro fino.
Dorme Belo Horizonte.
Seu corpo respira de leve o aclave vagarento das
ladeiras...
Não se escuta sequer o ruído das estrelas ca-
minhando...

Mas os poros abertos da cidade
Aspiram com sensualidade com delícia
O ar da terra elevada.
Ar arejado batido nas pedras dos morros,
Varado através da agua trançada das cachoeiras,
Ar que brota nas fontes com as aguas
Por toda a parte de Minas Gerais.

O R I T M O S I N C O P A D O

a Tarsila

(1923 a 1926)



ARRAIADA

Manhãzinha

A italiana vem na práia do ribeirão.

Vem derreada e com a sombra do sono no canto
dos olhos.

Põe a trouxa de roupas na lapa

E erguida fica um momentinho assim no Sol.

A narina dela mexe que nem peito de rolinha.

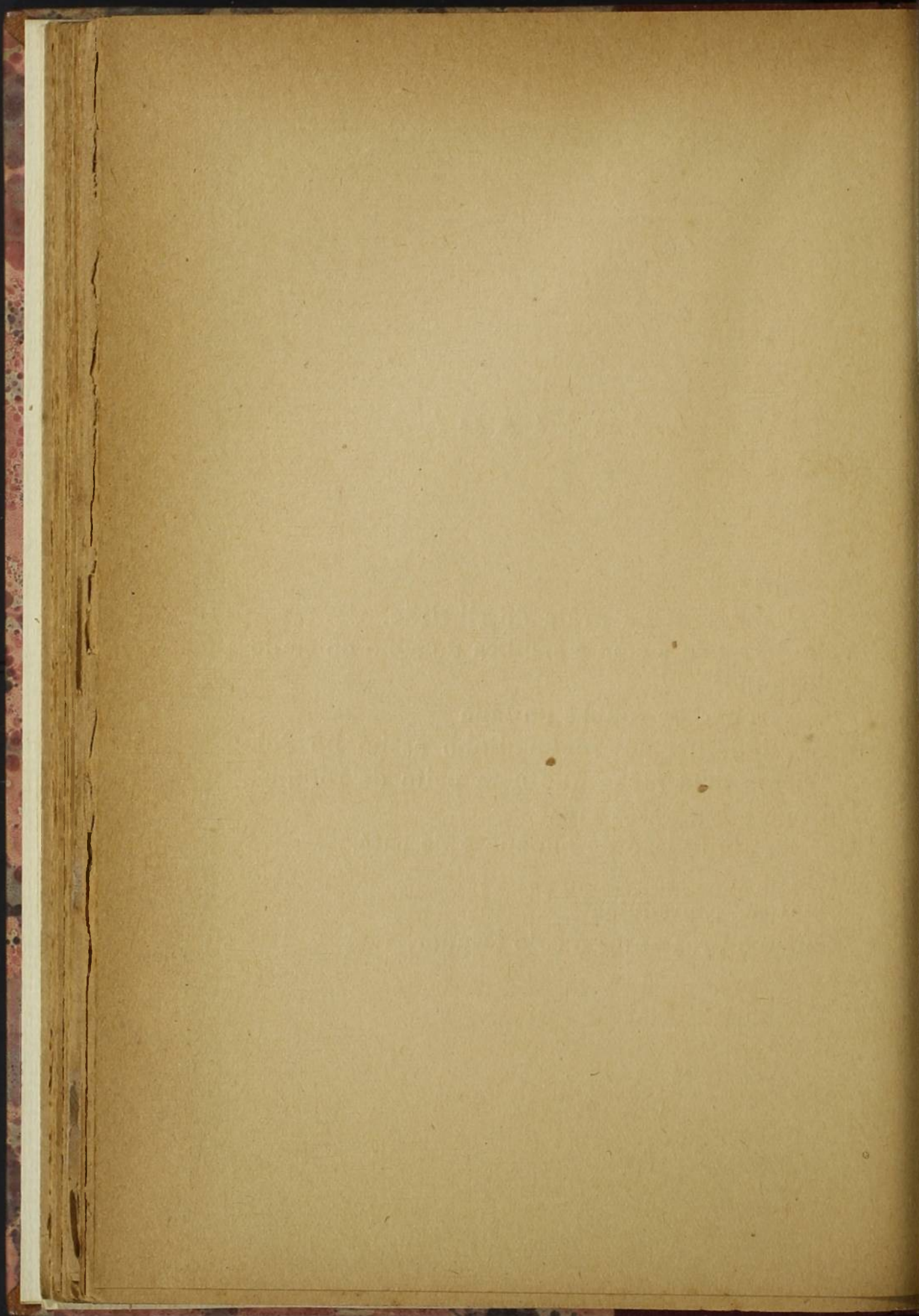
Mastiga a boca sem lavar

Que tem um visgo de banana e de café.

Respira.

Afinal se espreguiça

Erguendo pros anjos o colo criador.



TOADA DO PAI-DO-MATO

(*Indios Parecis*)

A moça Camalalô
Foi no mato colher fruta.
A manhã fresca de orvalho
Era quasi noturna.

— Ah...

Era quasi noturna...

Num galho de tarumã
Estava um homem cantando.
A moça sai do caminho
Pra escutar o canto.

— Ah...

Ela escuta o canto...

Enganada pelo escuro
Camalalô fala pro homem:
Arití, me dá uma fruta
Que eu estou com fome.

— Ah...

Estava com fome...

O homem rindo secundou:
— Zuimaalúti se engana,
Pensa que sou arití?
Eu sou Pai-do-Mato.

Era o Pai-do-Mato!

TEMPO DAS AGUAS

O gado estava amoitando na capoeira.
Agora é a gupiara agachada no lombo do morro
Vazia que não tem mais fim.

De repente faz cocega na cara da gente
A mão de chuva do vento.
Tempo perdido se afobar,
Ela já vem na cola do liburno.
Olhe a folhinha sêca.
Salta que salta ressabiada, corcoveia,
Desembestou que nem potranca chucra pasto
fora.
Você quasi nem tem tempo de vestir a capa boa
E despenca a chuva de Deus.

O espaço num atimo se enche de ar leviano
E a agua lava até a espinha da gente
E encrespa a crina do animal.
Que gostosura!
Você regeita o forde da fazenda na porteira
E continua tchoque-tchoque na tijuqueira pe-
guenta da estrada.

Em casa,
No brim novo com cheiro de ribeirão
Você deita na rede da varanda,
Chupita o traço da abrideira...
E se conversa.

E se conversa sobre a baixa do café.

P O E M A

Neste rio tem uma iara...

De primeiro o velho que tinha visto a iara
Contava que ela era feiosa, muito!
Preta gorda manquitola ver peixe-boi.
Felizmente velho já morreu faz tempo.
Duma feita, madrugada de neblina
Um moço que sofria de paixão
Por causa duma india que não queria ceder
pra êle,
Se levantou e desapareceu na agua do rio.
Então principiaram falando que a iara canta-
va, era moça,
Cabelos de limo verde do rio...

Ontem o piá brincabrincando
Subiu na igara do pai abicada no porto,
Botou a mãozinha na agua funda
E vai, a piranha abocanhou a mãozinha do piá.

Neste rio tem uma iara...

TOSTÃO DE CHUVA

Quem é Antonio Jeronimo? E' o sitiante
Que mora no Fundão
Numa biboca pobre. E' pobre. Dantes
Inda a coisa ia indo e êle possuia
Um cavalo cardão.

Mas a sêca batera no roçado...
Vai, Antonio Jeronimo um belo dia
Só por debique de desabusado
Falou assim: "Pois que nosso padim
Pade Ciço que é milagreiro, contam,
Me mande um tostão de chuva pra mim!"
Pois então nosso "padim" padre Cicero
Coçou a barba, matutando e disse:
"Pros outros mando muita chuva não,

Só dois vintens. Mas pra Antonio Jeronimo
Vou mandar um tostão”.

No outro dia veio uma chuva boa
Que foi uma festa pros nossos homens
E o milho agradeceu bem. Porém
No Fundão veio uma trovoada enorme
Que num atimo virou tudo em lagoa
E matou o cavalo de Antonio Jeronimo.
Matou o cavalo.

LENDA DO CÉU

Andorinha, andorinha,
Andorinha avoou,
Andorinha caiu,
Curumim a pegou.

— Piá, não me maltrata não!
Eu levo você pro mato
Enxergar bichos tamanhos
E correr com os guanunbís...

O menino brincava,
Andorinha sofria
E dum lado pra outro
Atordoadada gemia:

— Piá, não me maltrata não!
Eu levo você pro mar
Ver as ondas ver as praias
Ver os peixinhos do mar...

O menino malvado
Taperá machucou.
E já morremorando
A coitada falou:

— Piá, não me maltrata não...
Eu levo você pro céu...
E nunca ninguém não cansa
De ver as coisas do céu...
E' um sítio bonito mesmo
Beiradeando o trem-de-ferro,
Lá você acha sua gente
Que faz muito que morreu.
Assegura em minhas penas,
Vamos embora com Deus...

Andorinha, andorinha,
Andorinha avoou,
Foi subindo pro céu,
Curumim carregou.

— Assegura bem, menino,
Não olha pra baixo não.
Não tem sodade do mundo
Que o mundo é só perdição.

E avoando avoando
Afimal se chegou.
Andorinha desceu.
Curumim apeou.

Abriu os olhos e viu.
Era o céu... ôh boniteza!
Tinha espingarda gangorra
Estilingue... Tinha bichos
E tinha tantas surpresas
Que era mesmo um desperdício.

Olha um cachorro janguar!
Olha a ave seriema!
Olha aquelas tres-marias
Da gente bolear nhandús!...
Era que nem um pomar
Com tanta fruta aromando
Que o ar ficava que ficava
Bomzinho de respirar.

O curumim caminhava
Seguindo os postes da linha,
Lá pelo varjão se ouvia
Duma fordeca a chispada,
E no meio-dia quente
Amulegando maneiro
Um abôio tão chorado
Que acuava no corpo doce
O sono do brasileiro.

Tinha mandioca e assaí
Mate cana arroz café
Muita banana e feijão
Milho cacau... Tinha até
Pra lá do cercado novo
Cheio de taperebás
Um rancho do nosso povo
Com seu mastro de São João.

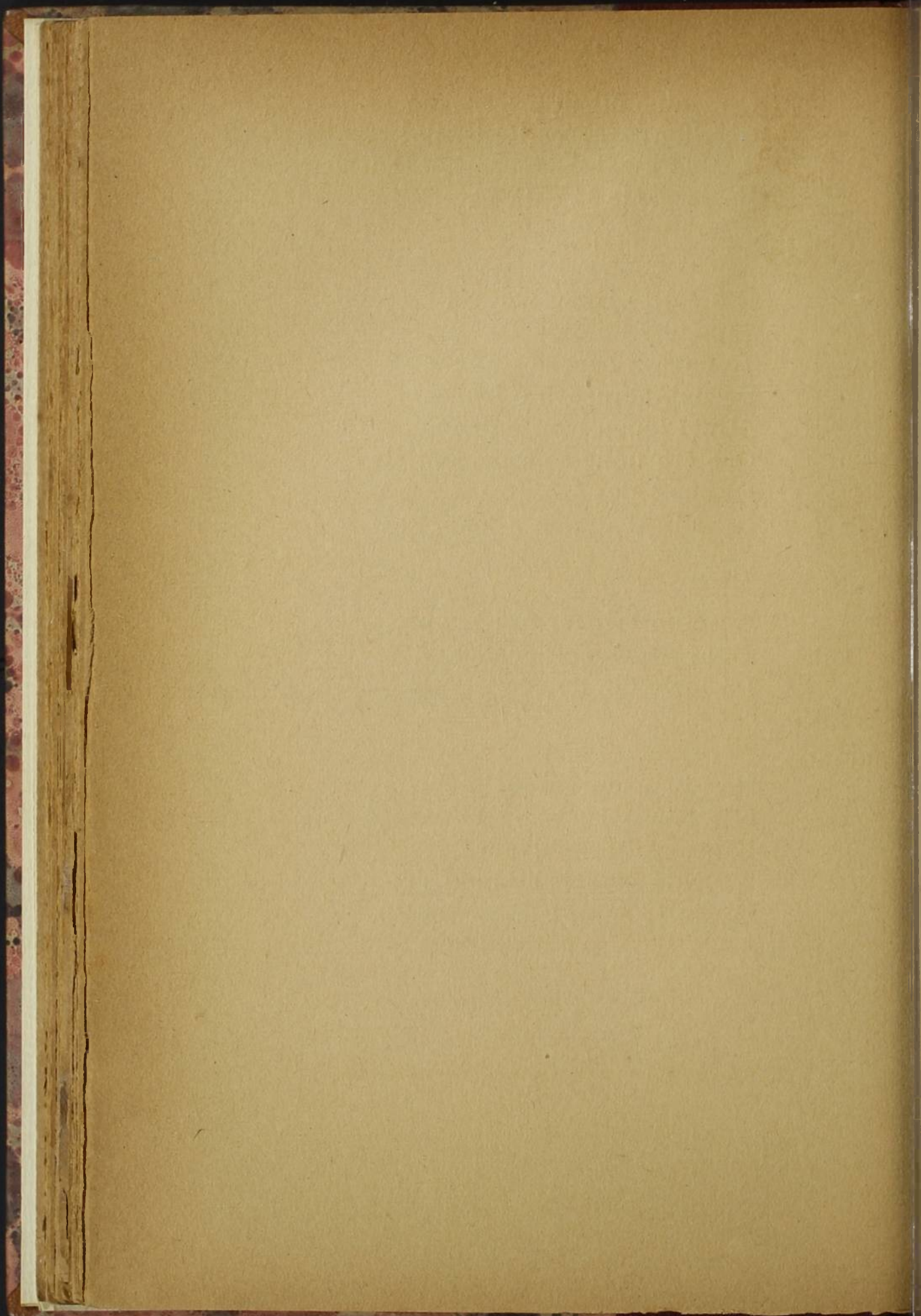
No galpão um homem comprido
Duma quente morenez,
Com a pele bem sapecada
Pelo Sol dêste país,
Gemia numa sanfona
Ûa mazurca tão linda
Que si parava um bocado
O ouvido cantava ainda.

O menino olhou pro homem
E gritou: — B'as tarde, tio!
— Meu sobrinho, entra no rancho,
Nossa gente já está aí.

E o piá se rindo matava
Saudades do coração.
Tomava a benção da mãe,
Do pai, abraçava o irmão,
Afim topou com o primo
Que era unha-e-carne com êle
E comovidos os dois,
Os dois se deram a mão.

E foram brincar pra sempre
Pelos pagos abençoados
Do meio-dia do céu.

No céu sempre é meio-dia...
Não tem noite, não tem doença
E nem outra malvadez...
A gente vive brincando...
E não se morre outra vez.



COCO DO MAJOR

(Rio Grande do Norte)

a Antonio Bento de Araujo Lima

O major Venancio da Silva
Guarda as filhas com ôlho e ferrolho,
Que vidinha mais caningada
— seu mano —
Elas levam no engenho do velho!

Nem bem a arraiada sonora
Vem tangendo as juremas da estrada

Já as tres se botam na renda
— seu mano —
Trequetreque de bilros, mais nada.

Vai, um mocetão paroara
Destorcido porêm sem cabeça
Apostou num coco da praia
— seu mano —
Que daria uma espiada nas moças.

Pois a fala do lambanceiro
Foi parar direitinho no ouvido
Do major Venancio da Silva
— seu mano —
Que afinal nem se deu por achado.

Bate alguém na séde do engenho.
— Seu major, ando morte de sêde,
Por favor me dê um copo de agua...
— seu mano —
— Pois não, moço! Se apeie da egua.

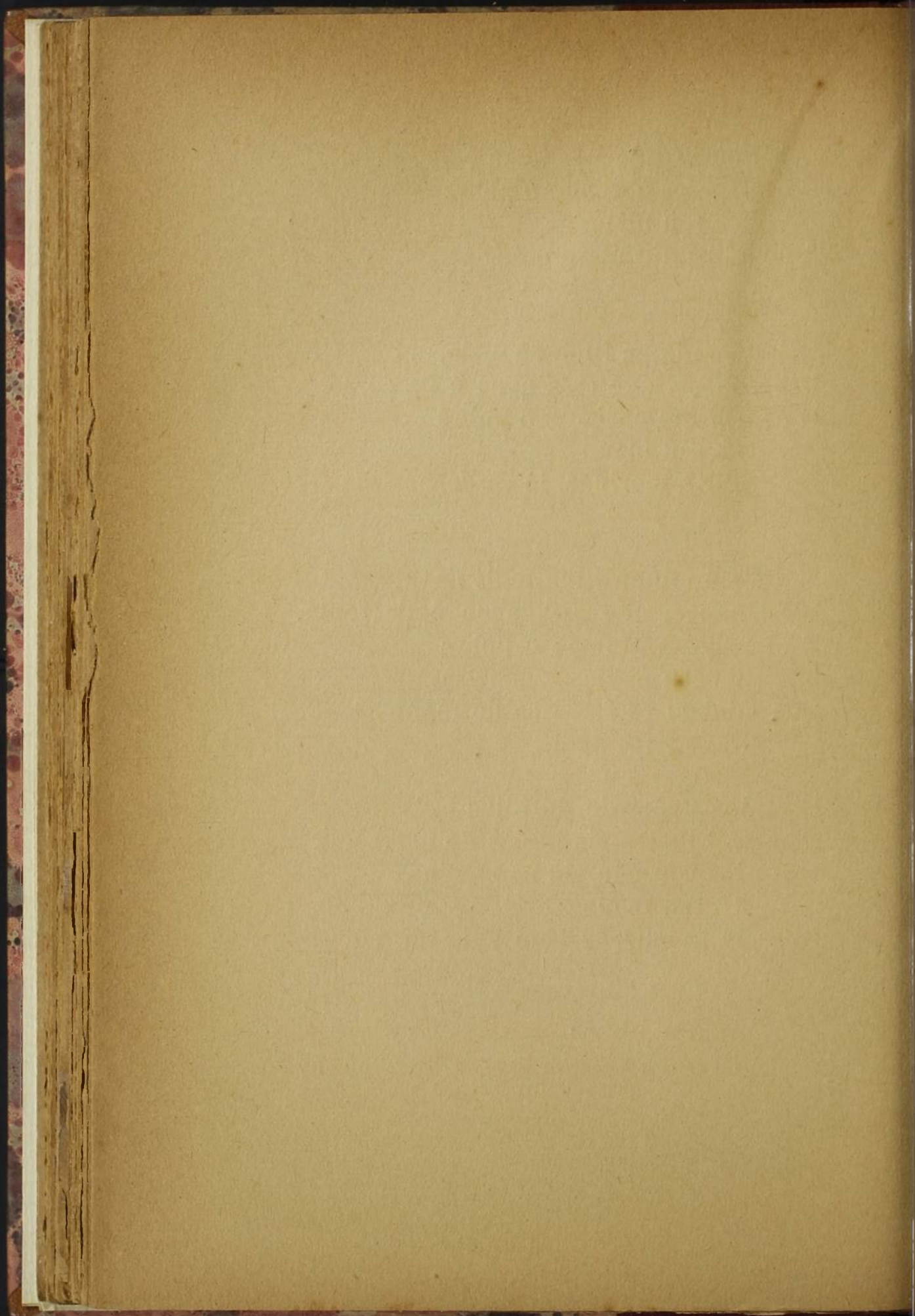
Dois negrões agarram o afoito,
O major assobia pra dentro.
Vêm tres moças lindas chorando
— seu mano —
Com quartinhas de barro cinzento.

— Esta é minha filha mais velha,
Beba, moço, que essa agua é de sanga.
E os negrões obrigam o pobre
— seu mano —
A engulir a primeira moringa.

— Esta é minha filha do meio,
Beba, moço, que essa agua é de corgo.
E os negrões obrigam o pobre
— seu mano —
A engulir a moringa, já vesgo.

— Esta é minha filha mais nova,
Beba, moço, que essa agua é de fonte.
E os negrões afogam o pobre
— seu mano —
Que adubou os faxeiros do monte.

O major Venancio da Silva
Tem as filhas mais lindas do norte
Mas ninguem não viu as meninas
— seu mano —
Que êle as guarda com agua de pote.



MODA DA CADEIA DE
PORTO ALEGRE

a Mario Pedrosa

Dona Rita amouxa em casa
Uma porção da riqueza
Que o marido, que Deus tenha!
Por amor dela ajuntou.
A riqueza de que falo
E' cobres, porque dos filhos
Só um mocinho não gorou.

Apesar dessa familia
Já grande em pleno viçor,

Quando ela pensa em gatunos
Corre pela espinha dela
Uma friagem de horror.

Tambem não tem na cidade
Correição de segurança
Adonde gatuno que entra
Perde pra sempre a esperança
De outra vez ir gatunar.
Dona Rita passa as noites
Sem dormir, sem descansar.
Qualquer barulhinho a pobre
Levanta, vai assuntar.

Pois então ela resolve,
Gasta mas gasta pra bem:
Faz construir uma cadeia
Que mais segura não tem
Por êste grande Brasil.

Era mesmo um casarão
Alvo que nem tabatinga,
Com tanta grade tamanha
Que apertava o coração.
Toda a gente ia passear
Lá no largo da Cadeia
Mas porêem se espera um prêso
Pra estreia da correição.

Agora o filho entra tarde.
Dona Rita sossegada
Costura, pesponta meias
Enquanto sono não vem.
Só de pensar na cadeia
Dona Rita dorme bem.

Foi então que numa festa
Já quasi de-manhãzinha
O filho de dona Rita
Botou seis tiros no peito
De outro moço, rival dele
Nuns negocios de paixão.

Estrearam a correição.
Dona Rita não foi ver.

Definha que não definha,
Durou uns pares de meses,
Afinal veio a morrer.

Falam tambem que de-noite
O carcereiro rondando
Escuta pelo caminho

O choro de dona Rita
Gemendo devagarzinho...

Mas isso de assombração
Só quem vê é que acredita...

P A I S A G E M N.º 5

De-dia um Solzão de matar taperá
Passeou na cidade o fogo de Deus.
Os paulistas andaram que nem caçaremas tontas
Daqui pra ali buscando as sombras de mentira.
Mas agorinha mesmo deram as vinte horas.
De já-hoje quando a noite agarrou empurrando
a luz quente pra trás do horizonte
Brisou uma friagem de inverno refrescando os
praceanos e a cidade rica.
As famílias pararam de suar.
Janelas abertas e portas abertas em todas as
casas.
Se boia, se conversa descansado.

Nas varandas portas terraços escuros
Acende apagam os vagalumes dos cigarros.

Todas as bulhas se ajuntam num riso feliz.

Faz gôsto a gente andar assim atôa
Reparando na calma da sua cidade natal.

MODA DA CAMA DE GONÇALO PIRES

Gonçalo Pires possui uma cama,
Em nossa vila não tem mais nenhuma,
Gonçalo Pires se dá um estadão,
Só êle na terra dorme gostoso
Em traste bonito de estimação.

Delem! dem! dem!... O sr. Ouvidor,
Representante de Felipe IV,
Já vem subindo pelo Cutabão.
O dr. Antonio Rebello Coelho
Vem nesta vila fazer correição.

Delem! dem! dem!... São Paulo nos acuda!
Se agita a Municipalidade,

Ouvidor-geral não dorme no chão!
Gonçalo Pires não quer emprestar
Cama cobertor lençol e colchão.

Mas os vereadores são bons paulistas
E Francisco Jorge, o procurador,
Recebe da Camara autorização:
Trará a cama de Gonçalo Pires,
Ele que deixe-se de mangação!

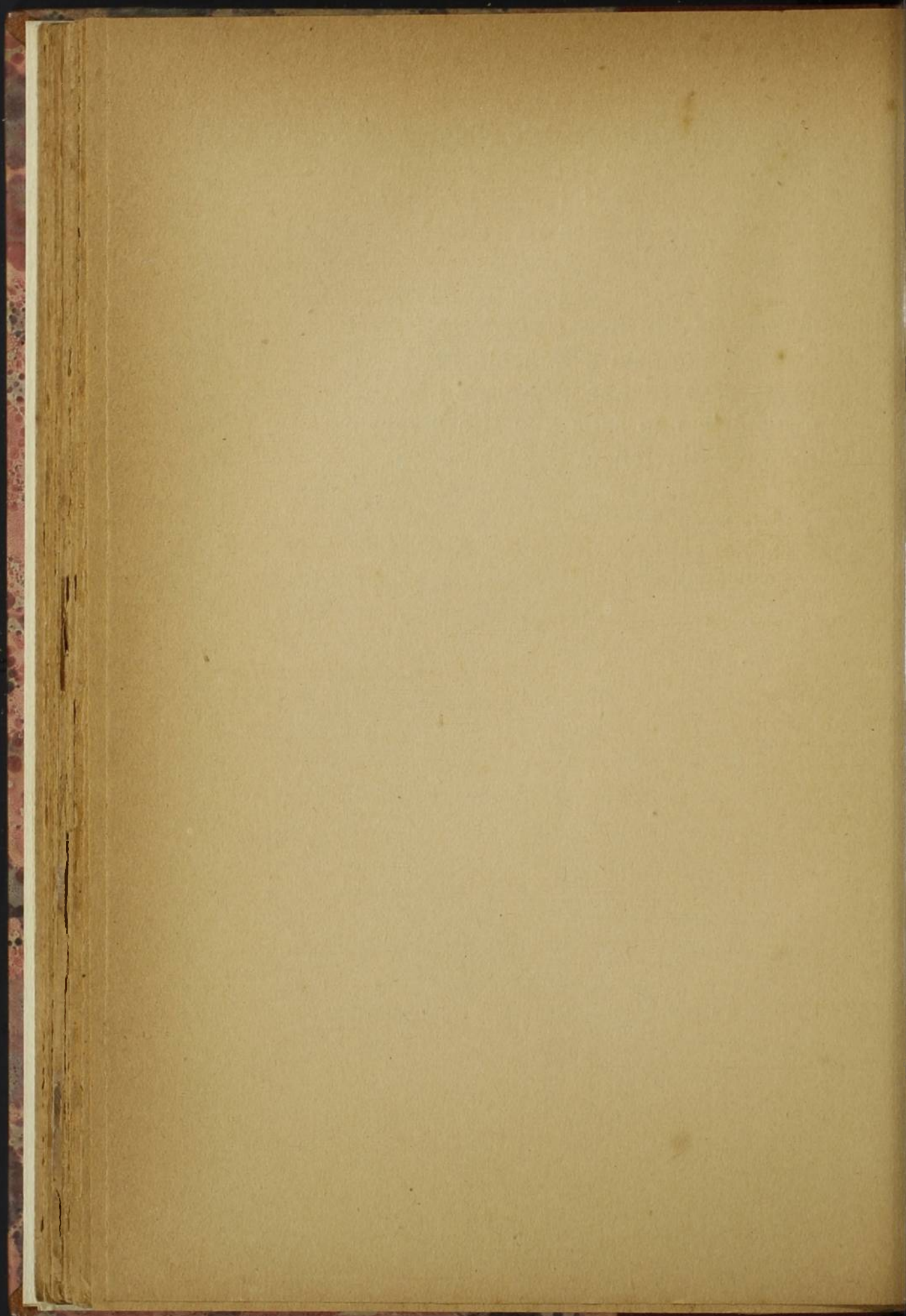
Gonçalo Pires resmunga, peleja,
Mas a autoridade é da Autoridade,
Lá vêm pelas ruas em procissão,
Cobertos de olhos relampeando inveja
Cama cobertor lençol e colchão.

Que humido frio... Das varzeas em torno
Na noite vazia que não tem fim
Dissolve as casinhas a cerração...
O Ouvidor-geral sonha em cama boa
E Gonçalo Pires dorme no chão.

Delem! dem! dem!... O Ouvidor vai-se embora.
Sai mais festejado que quando entrou...
A Camara impa de satisfação.
Mas os vereadores são bons paulistas:
— Que entregue-se a cama com prontidão.

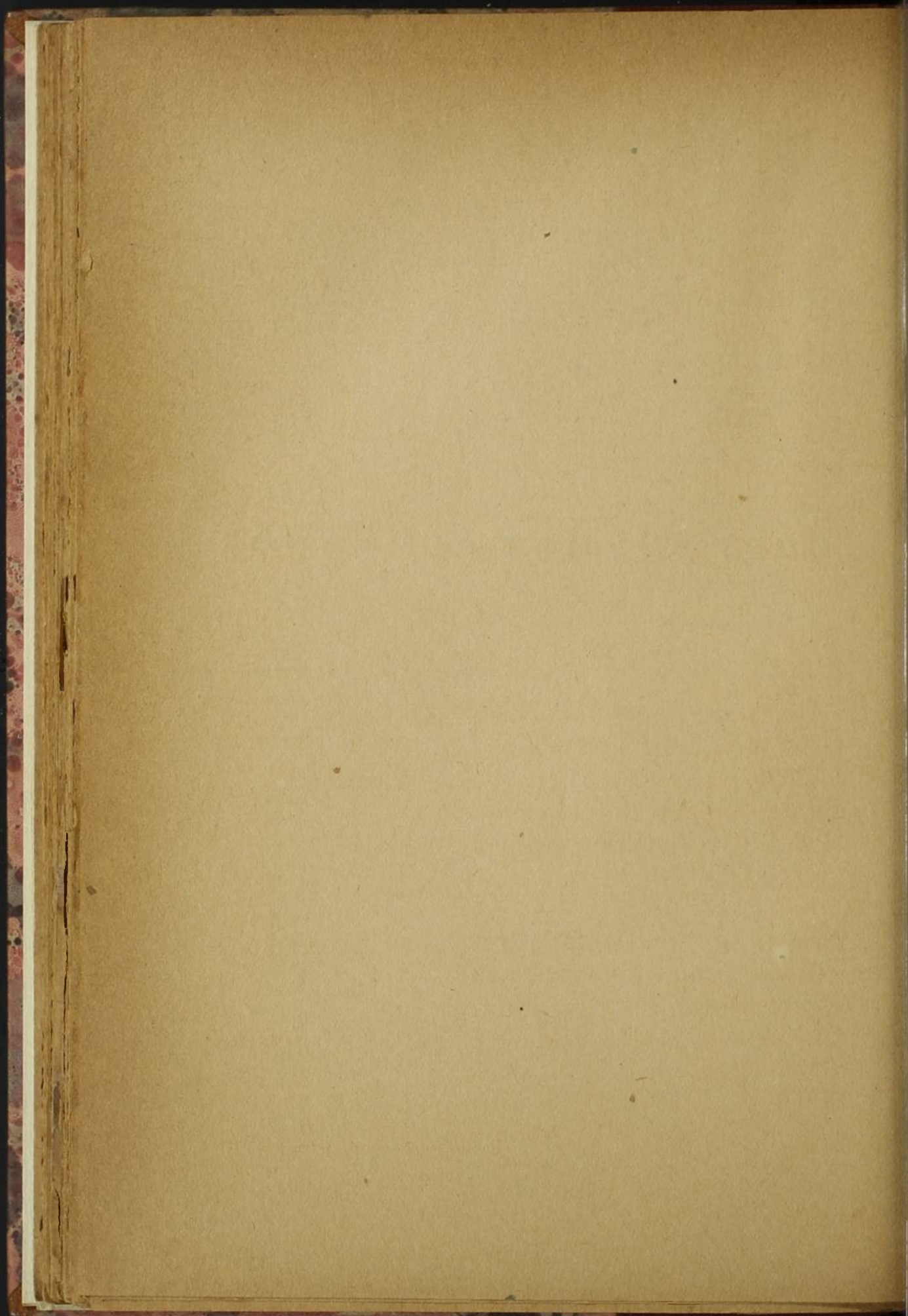
Gonçalo Pires rejeita o bem dele.
Não dorme em cheiro de ouvidor-geral...
Se reúne a Camara em nova sessão.
— Lave-se o lansol! indica o notario.
Qual! Gonçalo empaca na rejeição.

Sete anos levam nessa pendenga
A Camara paulista e Gonçalo Pires,
Paulista emperrando, não cede não.
E a história não sabe que fim levaram
Cama cobertor lençol e colchão.



DOIS POEMAS ACREANOS

a Ronald de Carvalho



I

DESCOBRIMENTO

Abancado á escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De sopetão senti um friume por dentro.
Fiquei tremulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei que lá no norte, meu
Deus! muito longe de mim
Na escuridão ativa da noite que caiu
Um homem palido magro de cabelo escorrendo
nos olhos,

Depois de fazer uma pele com a borracha do
dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu.

II

ACALANTO DO SERINGUEIRO

Seringueiro brasileiro,
Na escuridão da floresta
Seringueiro, dorme.
Ponteando o amor eu forcejo
Pra cantar uma cantiga
Que faça você dormir.
Que dificuldade enorme!
Quero cantar e não posso,
Quero sentir e não sinto
A palavra brasileira
Que faça você dormir...
Seringueiro, dorme...

Como será a escuridão
Dêsse mato-virgem do Acre?
Como serão os aromas
A macieira ou a aspereza
Dêsse chão que é também meu?
Que miséria! Eu não escuto
A nota do uirapurú!...
Tenho de ver por tabela,
Sentir pelo que me contam,
Você, seringueiro do Acre,
Brasileiro que nem eu.
Na escuridão da floresta
Seringueiro, dorme.

Seringueiro, seringueiro,
Queria enxergar você...
Apalpar você dormindo,
Mansamente, não se assuste,
Afastando esse cabelo
Que escorreu na sua testa.
Algumas coisas eu sei...
Troncudo você não é.
Baixinho, desmerecido,
Pálido, Nossa Senhora!
Parece que nem tem sangue.
Porém cabra resistente
Está ali. Sei que não é
Bonito nem elegante...
Macambúcio, pouca fala,

Não boxa, não veste roupa
De palm-beach... Enfim não faz
Um desperdício de coisas
Que dão conforto e alegria.

Mas porê é brasileiro,
Brasileiro que nem eu...
Fomos nós dois que botâmos
Pra fora Pedro II...
Somos nós dois que devemos
Até os olhos da cara
Pra êsses banqueiros de Londres...
Trabalhar nós trabalhamos
Porê pra comprar as perolas
Do pescocinho da moça
Do deputado Fulano.
Companheiro, dorme!
Porê nunca nos olhâmos
Nem ouvimos e nem nunca
Nos ouviremos jamais...
Não sabemos nada um do outro,
Não nos veremos jamais!

Seringueiro, eu não sei nada!
E no entanto estou rodeado
Dum despotismo de livros,
Estes mumbavas que vivem
Chupitando vagarentos

O meu dinheiro o meu sangue
E não dão gosto de amor...
Me sinto bem solitario
No mutirão de sabença
Da minha casa, amolado
Por tantos livros geniais,
"Sagrados" como se diz...
E não sinto os meus patricios!
E não sinto os meus gaúchos!
Seringueiro, dorme...
E não sinto os seringueiros
Que amo de amor infeliz...

Nem você pode pensar
Que algum outro brasileiro
Que seja poeta no sul
Ande se preocupando
Com o seringueiro dormindo,
Desejando pro que dorme
O bem da felicidade...
Essas coisas pra você
Devem ser indiferentes,
Duma indiferença enorme...
Porém eu sou seu amigo
E quero ver si consigo
Não passar na sua vida
Numa indiferença enorme.
Meu desejo e pensamento
(...numa indiferença enorme...)

Ronda sob as seringueiras

(...numa indiferença enorme...)

Num amor-de-amigo enorme...

Seringueiro, dorme!

Num amor-de-amigo enorme

Brasileiro, dorme!

Brasileiro, dorme.

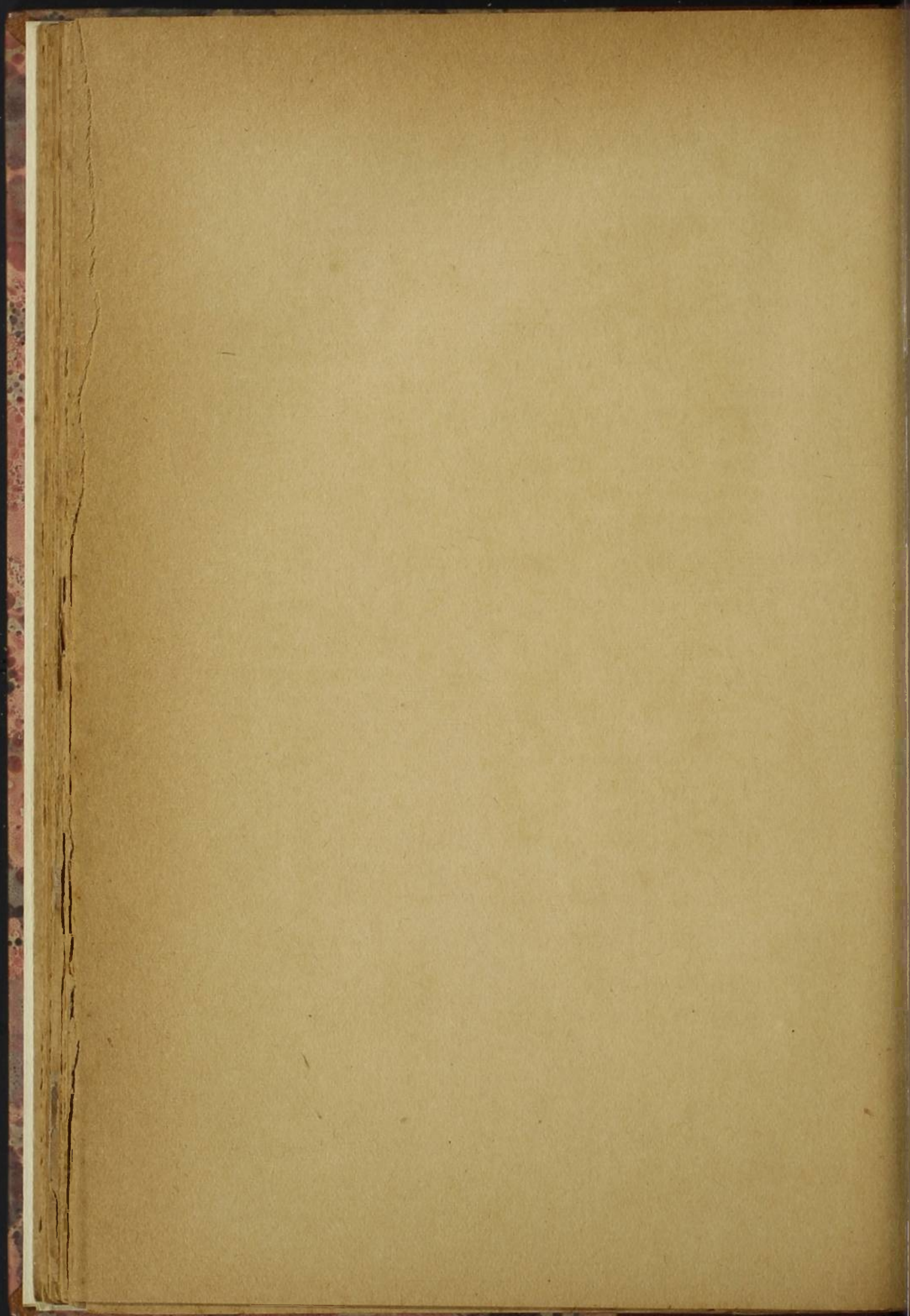
Num amor-de-amigo enorme

Brasileiro, dorme.

Brasileiro, dorme,

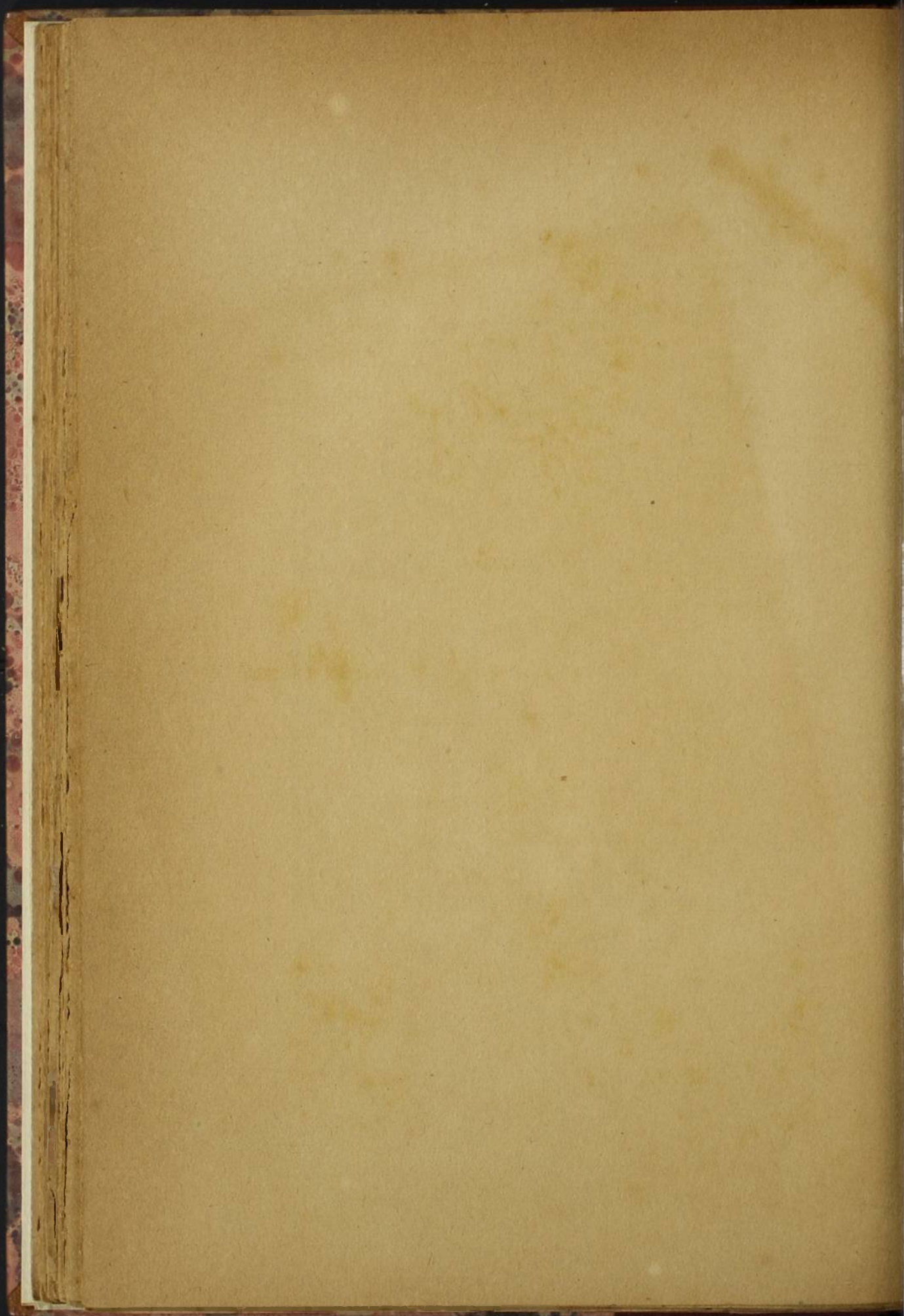
Brasileiro... dorme...

Brasileiro... dorme...



INDICE

	Pags.
O POETA COME AMENDOIM	5
CARNAVAL CARIOCA	11
COORDENADAS	31
Rondó pra Você	33
Viuvita	35
Lembranças do Losango Cáqui	37
Sambinha	39
Moda dos quatro Rapazes	41
Moda do Brigadeiro	43
Acalanto da Pensão Azul.	45
NOTURNO DE BELO HORIZONTE	47
O RITMO SINCOPADO	67
Arraiada	69
Toada do Pai-do-Mato	71
Tempo das Aguas.	73
Poema	75
Tostão de Chuva	77
Lenda do Céu	79
Coco do Major.	85
Moda da Cadeia de Porto Alegre	89
Paisagem n.º 5	93
Moda da Cama de Gonçalo Pires	95
DOIS POEMAS ACREANOS	99
Descobrimento	101
Acalanto do Seringueiro	103



ESTA EDIÇÃO DE MIL
EXEMPLARES DO CLAN
DO JABOTI SE TERMI-
NOU AOS 30 DE NOVEM-
BRO DE 1927 NAS OFI-
CINAS GRAFICAS DE
EUGENIO CUPOLO, LA-
DEIRA STA. IFIGENIA
N. 21 EM SÃO PAULO

PREÇO
5\$000

ESTABELECIMENTO GRAPHICO
EUGENIO CUPOLO
LAD. SANTA EPHIGENIA, 21 - S. PAULO

CLAN DO JABOTÍ — MARIO DE ANDRADE

PREÇO
5\$000

ESTABELECIMENTO GRAPHICO
EUGENIO CUPOLO
LAD. SANTA EPHIGENIA, 21 - S. PAULO

000434

